Celine Maria de Sousa Azevedo

COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E LINGUAGENS

NA PRIMEIRA INFÂNCIA

ESCUTA, FALA, GESTOS
E OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO

COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E LINGUAGENS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: ESCUTA, FALA, GESTOS E OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO.

Celine Maria de Sousa Azevedo

A obra *Comunicação, Expressão e Linguagens na Primeira Infância: Escuta, Fala, Gestos e Outras Formas de Expressão* aborda a importância das múltiplas linguagens no desenvolvimento integral das crianças pequenas, considerando a comunicação como um processo amplo, que vai além da linguagem verbal e envolve experiências corporais, emocionais, sociais e culturais. A primeira infância é apresentada como um período decisivo para a construção da identidade, do pensamento e das formas de interação com o mundo, sendo a escuta sensível e o reconhecimento das diversas formas de expressão elementos centrais para práticas educativas significativas. O texto destaca que a comunicação infantil se manifesta desde os primeiros meses de vida por meio de gestos, expressões faciais, movimentos corporais, sons, olhares e brincadeiras, revelando intenções, sentimentos e formas de compreender o ambiente. A fala é compreendida como uma das linguagens possíveis, coexistindo com outras manifestações expressivas que precisam ser valorizadas e acolhidas nos espaços educativos e familiares. A escuta ativa do adulto, nesse contexto, é fundamental para interpretar sinais, responder às necessidades da criança e fortalecer vínculos afetivos, promovendo segurança e confiança no processo de aprendizagem. A obra enfatiza a importância do ambiente pedagógico como espaço de interação, experimentação e diálogo, onde as crianças possam explorar diferentes linguagens, oral, corporal, musical, artística e simbólica, em situações que estimulem a criatividade e a autonomia. Brincadeiras, contação de histórias, músicas, artes visuais e jogos de faz de conta aparecem como estratégias potentes para favorecer a expressão e ampliar repertórios comunicativos. O papel do educador é descrito como mediador sensível, capaz de observar, valorizar e incentivar as iniciativas infantis, reconhecendo cada criança como sujeito ativo em seu desenvolvimento. A valorização dessas diferenças contribui para práticas inclusivas e para a construção de ambientes educativos mais democráticos e respeitosos. A linguagem é compreendida como prática social, construída nas interações, e não apenas como habilidade técnica a ser ensinada de forma isolada. O livro também propõe reflexões sobre a formação dos profissionais da educação infantil, destacando a necessidade de práticas pedagógicas que privilegiem a escuta, a observação e o planejamento intencional voltado para o desenvolvimento integral. Ao reconhecer as múltiplas linguagens da criança, o educador amplia as possibilidades de aprendizagem e favorece a expressão de pensamentos, emoções e descobertas. A obra reafirma que a comunicação na primeira infância é um processo complexo e plural, que envolve fala, escuta, gestos e diversas formas de expressão. Ao promover ambientes acolhedores e ricos em experiências comunicativas, contribui-se para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, fortalecendo sua participação ativa no mundo e respeitando suas singularidades. A valorização das múltiplas linguagens torna-se, portanto, um caminho essencial para uma educação infantil humanizada, sensível e significativa.

Palavras-chave: Primeira infância; comunicação infantil; linguagens; escuta ativa; expressão corporal; fala; gestos; desenvolvimento integral.

COMMUNICATION, EXPRESSION AND LANGUAGES IN EARLY CHILDHOOD: LISTENING, SPEECH, GESTURES AND OTHER FORMS OF EXPRESSION.

Celine Maria de Sousa Azevedo

The work *Communication, Expression and Languages in Early Childhood: Listening, Speech, Gestures and Other Forms of Expression* discusses the importance of multiple languages in the holistic development of young children, understanding communication as a broad process that goes beyond verbal language and encompasses bodily, emotional, social, and cultural experiences. Early childhood is presented as a decisive period for the construction of identity, thought, and ways of interacting with the world, with sensitive listening and the recognition of diverse forms of expression considered central elements for meaningful educational practices. The text highlights that child communication manifests itself from the very first months of life through gestures, facial expressions, body movements, sounds, gazes, and play, revealing intentions, feelings, and ways of understanding the environment. Speech is understood as one possible language, coexisting with other expressive manifestations that need to be valued and welcomed in educational and family contexts. In this perspective, active listening by adults is essential to interpret signals, respond to children's needs, and strengthen emotional bonds, promoting security and confidence in the learning process. The work emphasizes the importance of the pedagogical environment as a space for interaction, experimentation, and dialogue, where children can explore different languages, oral, bodily, musical, artistic, and symbolic, in situations that encourage creativity and autonomy. Play activities, storytelling, music, visual arts, and pretend play appear as powerful strategies to foster expression and expand communicative repertoires. The role of the educator is described as that of a sensitive mediator, capable of observing, valuing, and encouraging children's initiatives, recognizing each child as an active subject in their own development. The appreciation of individual differences contributes to inclusive practices and to the construction of more democratic and respectful educational environments. Language is understood as a social practice built through interactions, rather than merely a technical skill to be taught in isolation. The book also proposes reflections on the education and training of early childhood professionals, emphasizing the need for pedagogical practices that prioritize listening, observation, and intentional planning aimed at holistic development. By recognizing the multiple languages of the child, educators broaden learning possibilities and promote the expression of thoughts, emotions, and discoveries. The work reaffirms that communication in early childhood is a complex and plural process involving speech, listening, gestures, and diverse forms of expression. By promoting welcoming environments rich in communicative experiences, it contributes to the cognitive, emotional, and social development of children, strengthening their active participation in the world and respecting their uniqueness. The appreciation of multiple languages therefore becomes an essential path toward a humanized, sensitive, and meaningful early childhood education.

Keywords: Early childhood; child communication; languages; active listening; bodily expression; speech; gestures; holistic development.

COMUNICACIÓN, EXPRESIÓN Y LENGUAJES EN LA PRIMERA INFANCIA: ESCUCHA, HABLA, GESTOS Y OTRAS FORMAS DE EXPRESIÓN.

Celine Maria de Sousa Azevedo

La obra *Comunicación, Expresión y Lenguajes en la Primera Infancia: Escucha, Habla, Gestos y Otras Formas de Expresión* aborda la importancia de los múltiples lenguajes en el desarrollo integral de los niños pequeños, considerando la comunicación como un proceso amplio que va más allá del lenguaje verbal e involucra experiencias corporales, emocionales, sociales y culturales. La primera infancia se presenta como un período decisivo para la construcción de la identidad, del pensamiento y de las formas de interacción con el mundo, siendo la escucha sensible y el reconocimiento de las diversas formas de expresión elementos centrales para prácticas educativas significativas. El texto destaca que la comunicación infantil se manifiesta desde los primeros meses de vida mediante gestos, expresiones faciales, movimientos corporales, sonidos, miradas y juegos, revelando intenciones, sentimientos y formas de comprender el entorno. El habla se entiende como uno de los lenguajes posibles, coexistiendo con otras manifestaciones expresivas que necesitan ser valoradas y acogidas en los espacios educativos y familiares. En este contexto, la escucha activa del adulto es fundamental para interpretar señales, responder a las necesidades del niño y fortalecer los vínculos afectivos, promoviendo seguridad y confianza en el proceso de aprendizaje. La obra enfatiza la importancia del entorno pedagógico como un espacio de interacción, experimentación y diálogo, donde los niños puedan explorar diferentes lenguajes, oral, corporal, musical, artístico y simbólico, en situaciones que estimulen la creatividad y la autonomía. Los juegos, la narración de historias, la música, las artes visuales y el juego simbólico aparecen como estrategias potentes para favorecer la expresión y ampliar los repertorios comunicativos. El papel del educador se describe como el de un mediador sensible, capaz de observar, valorar e incentivar las iniciativas infantiles, reconociendo a cada niño como sujeto activo de su propio desarrollo. La valoración de estas diferencias contribuye a prácticas inclusivas y a la construcción de ambientes educativos más democráticos y respetuosos. El lenguaje se comprende como una práctica social construida en las interacciones, y no únicamente como una habilidad técnica que debe enseñarse de manera aislada. El libro también propone reflexiones sobre la formación de los profesionales de la educación infantil, destacando la necesidad de prácticas pedagógicas que privilegien la escucha, la observación y la planificación intencional orientada al desarrollo integral. Al reconocer los múltiples lenguajes del niño, el educador amplía las posibilidades de aprendizaje y favorece la expresión de pensamientos, emociones y descubrimientos. La obra reafirma que la comunicación en la primera infancia es un proceso complejo y plural que involucra habla, escucha, gestos y diversas formas de expresión. Al promover ambientes acogedores y ricos en experiencias comunicativas, se contribuye al desarrollo cognitivo, emocional y social de los niños, fortaleciendo su participación activa en el mundo y respetando sus singularidades. La valorización de los múltiples lenguajes se convierte, por lo tanto, en un camino esencial hacia una educación infantil humanizada, sensible y significativa.

Palabras clave: Primera infancia; comunicación infantil; lenguajes; escucha activa; expresión corporal; habla; gestos; desarrollo integral.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS POR SIMONE HELEN DRUMOND ISCHKANIAN E GLADYS NOGUEIRA CABRAL.

A comunicação na primeira infância constitui a base do desenvolvimento humano, pois é por meio dela que a criança inicia suas primeiras relações com o mundo e com as pessoas ao seu redor. Desde os primeiros dias de vida, o bebê comunica necessidades, emoções e desejos por meio do choro, do olhar e de movimentos corporais, demonstrando que a comunicação precede a fala e já se apresenta como elemento estruturante das interações sociais. Nesse processo, a comunicação está diretamente relacionada à construção da identidade, pois, ao ser escutada e compreendida, a criança percebe-se como sujeito capaz de influenciar o ambiente. A socialização ocorre gradualmente através de trocas comunicativas significativas, nas quais a criança aprende a compartilhar experiências, reconhecer o outro e construir vínculos afetivos que sustentam seu desenvolvimento emocional e cognitivo.

As múltiplas linguagens da criança revelam que a comunicação infantil não se restringe à linguagem verbal, mas abrange diversas formas de expressão que emergem de maneira espontânea e integrada. Gestos, expressões faciais, olhares e movimentos corporais constituem meios legítimos de comunicação, por meio dos quais a criança expressa sentimentos, curiosidades e percepções sobre o mundo. Linguagens artísticas, musicais, corporais e simbólicas ampliam as possibilidades de expressão e permitem que a criança explore sua criatividade e sua imaginação. A brincadeira assume papel central, sendo considerada uma linguagem essencial da infância, na qual a criança interpreta a realidade, experimenta papéis sociais e desenvolve habilidades comunicativas fundamentais.

A escuta sensível e a escuta ativa representam dimensões indispensáveis na relação entre adultos e crianças, especialmente nos espaços educativos e familiares. Escutar a criança significa reconhecer suas manifestações verbais e não verbais, interpretando sinais e respeitando suas formas próprias de expressão. A escuta, portanto, não é um ato passivo, mas uma prática pedagógica e afetiva que exige atenção, disponibilidade e empatia. O adulto que observa com cuidado e oferece tempo para que a criança se expresse contribui para o fortalecimento da confiança e da segurança emocional, elementos essenciais para o desenvolvimento comunicativo. A escuta ativa transforma-se em ferramenta fundamental para o planejamento de práticas educativas mais significativas e respeitosas.

O desenvolvimento da fala e da linguagem oral ocorre de maneira gradual e está fortemente ligado às interações sociais vividas pela criança. Desde os balbucios iniciais até a formação de frases mais complexas, o processo de aquisição da linguagem é influenciado pela qualidade das relações estabelecidas no cotidiano. Conversas, narrativas, cantigas e diálogos espontâneos funcionam como estímulos poderosos para o desenvolvimento linguístico, pois

oferecem modelos de comunicação e oportunidades de participação ativa. É importante reconhecer que cada criança possui um ritmo próprio nesse processo, e o respeito às diferenças individuais evita comparações inadequadas e favorece um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e estimulante.

Os gestos e a expressão corporal desempenham papel central na comunicação infantil, sendo o corpo o primeiro meio de expressão da criança. Antes mesmo de dominar a linguagem verbal, a criança comunica emoções e intenções por meio do movimento, da postura e das ações corporais, estabelecendo uma relação direta entre emoção, corpo e linguagem. O ato de apontar, abraçar, sorrir ou se afastar comunica mensagens significativas que precisam ser reconhecidas e valorizadas pelos adultos. Compreender o corpo como linguagem amplia a percepção sobre o desenvolvimento infantil e permite práticas educativas que respeitem a integralidade da criança, valorizando a expressão corporal como elemento fundamental na construção do conhecimento.

O ambiente pedagógico exerce grande influência nas experiências comunicativas das crianças, pois espaços organizados de forma intencional favorecem interação, exploração e expressão. Ambientes ricos em estímulos linguísticos, com materiais diversificados, livros, música, arte e oportunidades de brincadeira, promovem situações em que a criança pode experimentar diferentes formas de linguagem. Histórias, jogos simbólicos e atividades artísticas funcionam como mediadores da comunicação, estimulando o diálogo e a criação de significados compartilhados. O ambiente educativo torna-se um espaço vivo de aprendizagem, onde a comunicação é constantemente incentivada e ampliada.

O papel do educador é fundamental nesse processo, pois ele atua como mediador e observador sensível das manifestações infantis. Ao valorizar as iniciativas comunicativas das crianças e incentivar sua participação ativa, o educador contribui para o desenvolvimento da autonomia e da autoconfiança. O planejamento pedagógico intencional deve contemplar múltiplas linguagens, oferecendo experiências que integrem fala, movimento, arte e interação social. Mais do que ensinar conteúdos, o educador precisa criar condições para que as crianças expressem pensamentos e emoções, construindo significados a partir de suas próprias vivências e interações.

A interação social é um elemento central para a aprendizagem, uma vez que a linguagem se constrói nas relações entre crianças e adultos. Por meio do diálogo, da cooperação e das trocas cotidianas, as crianças aprendem a negociar ideias, resolver conflitos e compartilhar experiências, desenvolvendo competências sociais e comunicativas essenciais. A diversidade cultural e linguística presente nas famílias e comunidades também enriquece esse processo, pois amplia repertórios e favorece a inclusão. Reconhecer diferentes formas de

expressão e respeitar as particularidades culturais contribui para que a comunicação se torne um instrumento de pertencimento social e valorização das identidades.

A comunicação está profundamente relacionada à dimensão emocional e ao desenvolvimento integral da criança, pois é por meio das interações comunicativas que ela aprende a reconhecer, nomear e expressar sentimentos, necessidades e desejos. Quando a criança encontra adultos disponíveis para escutá-la e responder de forma sensível às suas manifestações, constrói-se uma base de segurança afetiva essencial para o desenvolvimento da autoestima e da confiança nas relações sociais. Essa experiência de ser compreendida favorece o equilíbrio emocional e contribui para a formação de vínculos estáveis, que influenciam diretamente a capacidade de explorar o ambiente, aprender e estabelecer relações saudáveis com outras crianças e adultos. A comunicação não pode ser compreendida apenas como troca de informações, mas como elemento constitutivo da experiência emocional e do desenvolvimento humano desde os primeiros anos de vida.

Em tempos contemporâneos, o avanço das tecnologias digitais apresenta novos desafios e possibilidades para a comunicação na primeira infância. Embora recursos tecnológicos possam oferecer experiências educativas e ampliar repertórios culturais, o uso excessivo ou inadequado pode reduzir oportunidades de interação direta, fundamentais para o desenvolvimento da linguagem oral, da empatia e das habilidades sociais. A mediação dos adultos torna-se, portanto, indispensável para equilibrar o uso dessas ferramentas e garantir que as experiências digitais não substituam o diálogo, o brincar compartilhado e a convivência presencial. Nesse cenário, educadores e famílias são chamados a refletir criticamente sobre práticas cotidianas, buscando estratégias que valorizem o contato humano e promovam experiências comunicativas ricas, variadas e significativas.

Diante dessas transformações, torna-se essencial investir na formação continuada dos profissionais da educação infantil e na consolidação de práticas pedagógicas inclusivas que reconheçam as múltiplas formas de comunicação das crianças. A valorização das linguagens verbal, corporal, artística, musical e simbólica amplia possibilidades de participação e assegura que cada criança seja reconhecida em sua singularidade. Ao promover ambientes acolhedores, dialógicos e culturalmente sensíveis, a educação infantil fortalece a autonomia, a criatividade e a aprendizagem significativa, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Uma abordagem humanizada da comunicação reafirma a criança como protagonista de seu processo de aprendizagem e como sujeito ativo na construção de conhecimentos e relações.

COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E LINGUAGENS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: ESCUTA, FALA, GESTOS E OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO.

Celine Maria de Sousa Azevedo

1. INTRODUÇÃO

A comunicação na primeira infância constitui um fenômeno complexo que ultrapassa a dimensão instrumental da linguagem e alcança os processos de constituição subjetiva e inserção social da criança. Estudos históricos sobre a infância demonstram que as formas de compreender a participação infantil nas dinâmicas sociais variam conforme contextos culturais e concepções pedagógicas, revelando transformações significativas na percepção da criança como sujeito histórico e comunicante (Ariès, 1978). A investigação contemporânea direciona atenção às múltiplas manifestações expressivas presentes nos primeiros anos de vida, reconhecendo que a interação comunicativa envolve dimensões simbólicas, corporais e afetivas inseparáveis. Esse entendimento desloca o foco da mera aquisição linguística para processos relacionais que estruturam o desenvolvimento humano.

> Na primeira infância, a comunicação manifesta-se como uma experiência ampla e criativa na qual linguagem, corpo, emoção e interação social se articulam continuamente, permitindo que a criança construa sua identidade e encontre formas próprias de participar do mundo coletivo, seja ao apontar para um brinquedo favorito com entusiasmo, transformar uma caixa de papelão em nave espacial durante uma brincadeira imaginativa, cantar melodias inventadas enquanto organiza bonecos em uma roda ou expressar alegria e frustração por meio de risos, caretas e movimentos corporais espontâneos, demonstrando que comunicar-se vai muito além da transmissão verbal e envolve práticas culturais historicamente situadas que refletem diferentes concepções de infância e aprendizagem, motivo pelo qual pesquisas contemporâneas deslocam o olhar da simples aquisição da fala para a compreensão das múltiplas linguagens que emergem nos primeiros anos de vida, reconhecendo que experiências lúdicas, relações afetivas e interações simbólicas constituem fundamentos essenciais para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança em sua trajetória de inserção no universo humano. (Gladys Cabral, 2026, grifos para este artigo).

A reflexão sobre comunicação infantil exige considerar a criança como agente ativo na construção de significados desde o nascimento. Perspectivas da sociologia da infância destacam que os pequenos não apenas recebem influências adultas, mas reinterpretam e produzem cultura em suas interações cotidianas (Corsaro, 2011; Belloni, 2009). Esse movimento evidencia que a comunicação emerge no espaço compartilhado entre sujeitos, envolvendo negociação de sentidos e reconhecimento mútuo. A análise desse processo amplia o entendimento da infância como tempo de produção simbólica intensa, no qual gestos, sons e olhares desempenham função estruturante na elaboração da experiência social.

A dimensão histórica e cultural da linguagem coloca em evidência o papel das mediações sociais na formação do pensamento infantil. A psicologia histórico-cultural descreve

a linguagem como instrumento de organização da consciência e de desenvolvimento das funções mentais superiores (Vygotsky, 2009; Luria, 1979). Sob essa perspectiva, a comunicação não é reduzida a habilidade técnica, mas compreendida como atividade humana situada em práticas sociais concretas. O contato cotidiano com interlocutores significativos promove condições para que a criança internalize formas de interação e desenvolva novos modos de pensamento.

As manifestações comunicativas iniciais revelam a coexistência de linguagens verbais e não verbais que se articulam progressivamente ao longo do desenvolvimento. Pesquisas recentes enfatizam a importância de distinguir conceitualmente comunicação, linguagem, fala e gestualidade para compreender a amplitude das expressões infantis (Azevedo et al., 2025). O reconhecimento dessas múltiplas linguagens permite interpretar ações infantis como produções simbólicas legítimas, afastando visões reducionistas centradas exclusivamente na oralidade. A construção de sentidos ocorre por meio de movimentos corporais, expressões faciais e brincadeiras que antecedem e acompanham a emergência da fala.

A escuta sensível aparece como eixo fundamental para o estabelecimento de vínculos comunicativos significativos na educação infantil. Estudos voltados à prática pedagógica indicam que a atenção cuidadosa às manifestações das crianças favorece processos de aprendizagem mais consistentes e respeitosos (Coelho, Barni e Federige, 2021). O ato de escutar implica reconhecer singularidades, interpretar silêncios e compreender ritmos próprios de expressão. A qualidade da escuta adulta influencia diretamente a confiança da criança em participar das interações e experimentar novas formas de linguagem.

O desenvolvimento da fala e da linguagem oral depende intensamente das experiências relacionais vividas no cotidiano. Investigações sobre desenvolvimento psíquico apontam que a linguagem se constitui na atividade social compartilhada, sendo o diálogo elemento essencial para o avanço cognitivo (Elkonin, 1974; Leontiev, 2004). Ambientes ricos em trocas comunicativas favorecem a ampliação do vocabulário, a organização narrativa e a construção de pensamento abstrato. O processo não ocorre de maneira linear, exigindo compreensão de diferentes temporalidades individuais presentes nas trajetórias infantis.

A expressão corporal representa um dos primeiros campos de comunicação da criança, revelando emoções e intenções antes da consolidação da linguagem verbal. Estudos sobre psicomotricidade indicam que movimento e aprendizagem constituem dimensões interdependentes no desenvolvimento infantil (Velasco, 1996; Ischkanian et al., 2023a). O corpo participa ativamente da produção de significados e da exploração do ambiente, funcionando como mediador entre experiência sensível e construção cognitiva. Interpretar gestos como linguagem amplia a compreensão pedagógica sobre o potencial expressivo da infância.

As brincadeiras ocupam lugar privilegiado na constituição das linguagens infantis, pois criam contextos simbólicos nos quais a criança reorganiza experiências e experimenta papéis sociais. Pesquisas fundamentadas na tradição histórico-cultural ressaltam que o jogo contribui para o desenvolvimento da imaginação, da autorregulação e da linguagem socialmente orientada (Solovieva e Rojas, 2016; Ferreira, 2004). A brincadeira não se limita ao entretenimento, configurando atividade central na elaboração de significados compartilhados entre pares. Esse entendimento reforça a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam o valor epistemológico do brincar.

A organização dos ambientes educativos influencia profundamente a qualidade das experiências comunicativas vividas na primeira infância. Estudos sobre rotinas e práticas institucionais demonstram que espaços estruturados para interação favorecem autonomia e participação ativa das crianças (Barbosa, 2006; Campos, 2020). Materiais diversificados, acesso à literatura e oportunidades de exploração artística ampliam repertórios expressivos e fortalecem vínculos sociais. O ambiente pedagógico torna-se mediador constante dos processos comunicativos.

A atuação do educador assume relevância estratégica na mediação entre experiências infantis e construção de linguagem. Pesquisas sobre práticas pedagógicas contemporâneas indicam que a observação sensível e o planejamento intencional favorecem a emergência de múltiplas formas de expressão (Ischkanian et al., 2023b). A postura docente exige abertura para interpretar iniciativas infantis e transformar situações cotidianas em oportunidades comunicativas significativas. O profissional da educação infantil participa ativamente da criação de contextos onde a linguagem possa florescer de maneira plural.

A interação social entre crianças constitui campo fértil para o desenvolvimento da comunicação, uma vez que as relações entre pares demandam negociação constante de sentidos. Estudos sobre culturas infantis revelam que as crianças constroem regras próprias de convivência e elaboram significados coletivos durante as brincadeiras (Delgado e Müller, 2005). Esses encontros favorecem o aprimoramento da escuta, da argumentação e da capacidade de resolver conflitos por meio do diálogo. A aprendizagem emerge da dinâmica relacional e da participação ativa em práticas compartilhadas.

A diversidade cultural e linguística presente nas comunidades contemporâneas exige abordagens pedagógicas sensíveis às diferenças. A legislação educacional brasileira reconhece o direito das crianças a experiências que valorizem identidades e pluralidade cultural (Brasil, 2010; Brasil, 2018). A comunicação assume papel central na construção do pertencimento social, permitindo que diferentes formas de expressão coexistam no espaço educativo. A inclusão se fortalece quando a linguagem é compreendida como campo aberto à multiplicidade de experiências humanas.

A articulação entre emoção e linguagem demonstra que a comunicação participa diretamente da organização afetiva da criança. Perspectivas psicológicas indicam que o reconhecimento emocional no contexto das interações promove segurança e favorece processos de aprendizagem mais estáveis (Winnicott, 1982). A possibilidade de expressar sentimentos e ser compreendida contribui para a formação da autoestima e para o desenvolvimento da confiança social. A dimensão afetiva da linguagem oferece base para experiências educativas mais humanizadas.

Os desafios contemporâneos colocam novas questões sobre a comunicação na primeira infância, especialmente diante da crescente presença de tecnologias digitais. Discussões recentes apontam potenciais e riscos relacionados ao uso desses recursos, destacando a necessidade de mediação crítica por parte de educadores e famílias (Vieira et al., 2026; Cabral et al., 2024a). A tecnologia pode ampliar repertórios expressivos quando integrada a práticas dialógicas e criativas. A ausência de interação humana significativa pode limitar experiências fundamentais para o desenvolvimento comunicativo.

A alfabetização inicial estabelece continuidade com as experiências comunicativas vividas na primeira infância, exigindo abordagens que respeitem processos de construção de sentido. Estudos sobre psicogênese da linguagem escrita demonstram que a criança elabora hipóteses sobre a escrita a partir de interações sociais e culturais (Ischkanian et al., 2023c; Belchior et al., 2025). A relação entre código e significado evidencia a importância de práticas que valorizem a compreensão e não apenas a decodificação mecânica. A linguagem escrita emerge como expansão das formas anteriores de expressão.

As contribuições das teorias do desenvolvimento destacam que a linguagem desempenha papel estruturador na formação do pensamento e da consciência. Pesquisas de matriz histórico-cultural ressaltam a interdependência entre atividade prática, mediação simbólica e desenvolvimento psíquico (Martins, 2013; Elkonin, 1987). A infância constitui período particularmente sensível à qualidade das interações comunicativas oferecidas pelos adultos. A educação infantil assume responsabilidade significativa na criação de condições para o florescimento dessas potencialidades.

A investigação acadêmica sobre comunicação infantil demanda rigor metodológico capaz de articular diferentes abordagens e fontes. Estudos sobre pesquisa bibliográfica e documental evidenciam a necessidade de critérios claros para seleção, análise e interpretação de dados (Batista e Kumada, 2021; Fávero e Centenaro, 2019). A produção de conhecimento nessa área requer diálogo interdisciplinar entre educação, psicologia, sociologia e linguística. Tal articulação amplia possibilidades interpretativas e favorece análises mais consistentes sobre a infância.

A construção de práticas educativas inovadoras tem buscado integrar metodologias ativas e experiências significativas de aprendizagem. Pesquisas recentes destacam que propostas pedagógicas baseadas em projetos e exploração criativa potencializam a comunicação e a autonomia infantil (Cabral et al., 2024b; Cabral et al., 2024c). A participação ativa da criança transforma o processo educativo em espaço de produção coletiva de conhecimento. Essa perspectiva contribui para superar modelos transmissivos e fortalecer interações dialógicas.

A valorização das múltiplas inteligências e das diferentes formas de expressão reforça a necessidade de ambientes inclusivos na educação infantil. Estudos voltados à diversidade apontam que reconhecer singularidades comunicativas amplia oportunidades de aprendizagem e participação (Silva et al., 2025). A educação comprometida com a inclusão considera a linguagem como campo aberto à pluralidade de modos de ser e aprender. A comunicação torna-se instrumento de reconhecimento social e de equidade educacional.

A introdução deste estudo propõe compreender a comunicação na primeira infância como processo multifacetado que articula linguagem, emoção, corpo e cultura. Referenciais teóricos clássicos e produções contemporâneas indicam que a criança participa ativamente da construção de sentidos em contextos relacionais diversos, revelando a centralidade das interações na formação humana. O percurso argumentativo que se seguirá buscará aprofundar essas relações, examinando como escuta, fala, gestos e outras formas de expressão contribuem para o desenvolvimento integral e para a consolidação de práticas pedagógicas sensíveis à complexidade da infância.

2. DESENVOLVIMENTO

A comunicação na primeira infância configura um processo dinâmico que articula experiências sensoriais, relações afetivas e construções simbólicas progressivas, estabelecendo as bases do desenvolvimento humano. Investigações históricas sobre a infância demonstram que as práticas comunicativas infantis passaram a ser reconhecidas como objeto legítimo de estudo apenas quando a criança foi concebida como sujeito social pleno (Ariès, 1978). Esse reconhecimento permitiu compreender que o bebê participa ativamente da vida cultural por meio de expressões corporais e sonoras que antecedem a linguagem verbal estruturada. A comunicação inicial, portanto, não se restringe à emissão de sinais biológicos, mas constitui forma elaborada de inserção no mundo relacional.

A presença do corpo como instrumento expressivo antecede qualquer domínio linguístico formal, revelando uma dimensão comunicativa que articula emoções e percepção do ambiente. Estudos sobre sociologia da infância apontam que crianças pequenas produzem significados nas interações cotidianas, utilizando expressões corporais para negociar presença e

atenção social (Corsaro, 2011; Belloni, 2009). O olhar, o sorriso e o movimento tornam-se recursos através dos quais o bebê estabelece vínculo com o outro e inicia a construção de repertórios comunicativos compartilhados. Esse processo indica que a corporeidade representa fundamento da linguagem em formação.

A evolução comunicativa do choro aos balbucios demonstra a passagem gradual de manifestações reflexas para produções intencionais carregadas de sentido social. Pesquisas sobre desenvolvimento da fala descrevem o período inicial da vida como fase marcada pela experimentação sonora e pela organização progressiva das funções psicológicas superiores (Elkonin, 1974). A emissão vocal torna-se cada vez mais dirigida ao interlocutor, sinalizando a construção de expectativas comunicativas. O adulto, ao responder a esses sinais, participa da constituição da linguagem como atividade social compartilhada.

> A passagem do choro inicial aos balbucios revela um percurso comunicativo inventivo e progressivo no qual a criança transforma manifestações inicialmente reflexas em expressões cada vez mais intencionais, iniciando com o choro indiferenciado dos primeiros meses, que funciona como sinal básico de necessidades fisiológicas, evoluindo para choros diferenciados que indicam desconforto, fome ou desejo de proximidade, seguindo para a fase dos arrulhos e vocalizações suaves que surgem quando o bebê se sente seguro e passa a explorar sons em interação com rostos familiares, avançando para os balbucios rítmicos nos quais sílabas são repetidas como se fossem pequenas brincadeiras sonoras, como quando a criança responde com sons ao ouvir músicas, ri enquanto experimenta novas combinações vocais durante o banho ou dirige vocalizações específicas para obter atenção do adulto, até alcançar as primeiras palavras que condensam intenções comunicativas claras e inauguram a capacidade de nomear pessoas, objetos e experiências, evidenciando que a experimentação sonora dos primeiros anos não constitui mero exercício biológico, mas um laboratório social em que a voz ganha direção, expectativa e significado compartilhado, processo descrito pelos estudos sobre desenvolvimento da fala como fundamental para a organização das funções psicológicas superiores, já que cada resposta do adulto, seja um sorriso encorajador, uma palavra repetida com entusiasmo ou um diálogo improvisado durante a brincadeira, fortalece a compreensão de que comunicar-se envolve troca, reconhecimento mútuo e participação ativa na construção de sentidos coletivos. (Drumond Ischkanian, 2026, grifos para este artigo).

O balbucio representa etapa fundamental na formação da fala, pois revela a exploração rítmica e fonética das possibilidades da língua antes do domínio semântico. Estudos fundamentados na psicologia histórico-cultural indicam que a vocalização infantil emerge da interação entre maturação biológica e mediação social (Vygotsky, 2009; Luria, 1979). A repetição sonora não constitui mera brincadeira vocal, mas exercício cognitivo que organiza percepção auditiva e controle motor. A experiência comunicativa ganha complexidade conforme o adulto interpreta e atribui significado às vocalizações infantis.

As primeiras palavras surgem quando a criança já participa de uma rede interacional que oferece estabilidade afetiva e estímulo simbólico constante. Pesquisas sobre desenvolvimento psíquico destacam que a linguagem verbal consolida-se na relação entre atividade prática e comunicação mediada (Leontiev, 2004). A palavra representa síntese entre

experiência sensível e construção conceitual, permitindo à criança nomear objetos, desejos e emoções. A fala inicial expressa muito mais do que domínio lexical, configurando avanço na organização do pensamento.

A passagem para frases mais complexas entre dois e três anos evidencia a capacidade crescente de articulação narrativa e compreensão social. Estudos contemporâneos sobre alfabetização e desenvolvimento cognitivo indicam que a ampliação da linguagem oral contribui para o fortalecimento da memória e da atenção voluntária (Belchior et al., 2025). A criança começa a organizar temporalidade, causalidade e intenção em suas produções verbais. O diálogo cotidiano funciona como espaço privilegiado para a experimentação dessas estruturas linguísticas emergentes.

A comunicação infantil não se limita à oralidade, abrangendo múltiplas linguagens que coexistem e se complementam durante o desenvolvimento. Pesquisas recentes ressaltam a distinção conceitual entre comunicação, linguagem e fala, evidenciando que gestos e expressões visuais constituem sistemas simbólicos legítimos (Azevedo et al., 2025). O desenho, a música e a dramatização permitem que a criança elabore experiências internas ainda difíceis de verbalizar. A pluralidade expressiva amplia possibilidades de participação e aprendizagem.

O desenho infantil, frequentemente interpretado como atividade lúdica, revela processos complexos de representação mental e construção narrativa. Investigações sobre expressão gráfica apontam que a criança comunica percepções do mundo por meio de traços que traduzem experiências emocionais e cognitivas (Ischkanian et al., 2023a). A imagem funciona como extensão do pensamento e possibilita a elaboração simbólica de vivências sociais. A interpretação pedagógica dessas produções demanda sensibilidade para compreender o conteúdo implícito nas formas visuais.

A música ocupa papel singular na comunicação da criança pequena, pois articula ritmo, emoção e interação coletiva. Estudos sobre práticas educativas na infância mostram que experiências sonoras favorecem coordenação motora e percepção temporal, influenciando processos cognitivos amplos (Brasil, 2018). A musicalidade também promove vínculos afetivos, fortalecendo a sensação de pertencimento no grupo. A dimensão sonora contribui para a organização da linguagem oral e para a expressão de estados emocionais complexos.

O teatro e a dramatização revelam a capacidade infantil de assumir perspectivas diversas e construir narrativas simbólicas compartilhadas. Pesquisas sobre brincadeira e cultura infantil demonstram que o jogo de papéis estimula imaginação e habilidades comunicativas sofisticadas (Solovieva e Rojas, 2016). A criança experimenta diferentes formas de linguagem ao encenar situações sociais, ampliando repertórios expressivos. A ação dramática funciona como laboratório de experiências sociais e emocionais.

A escuta ativa por parte dos adultos constitui condição indispensável para o desenvolvimento comunicativo saudável na infância. Investigações pedagógicas enfatizam que a qualidade da escuta influencia diretamente a confiança da criança em expressar pensamentos e sentimentos (Coelho, Barni e Federige, 2021). A interação comunicativa torna-se espaço de reconhecimento quando o adulto demonstra atenção genuína às manifestações infantis. O vínculo afetivo fortalece-se por meio dessa reciprocidade discursiva.

A mediação pedagógica demanda capacidade interpretativa para compreender mensagens não verbalizadas explicitamente pela criança. Estudos sobre prática docente indicam que a observação cuidadosa dos gestos e expressões permite intervenções mais adequadas às necessidades individuais (Campos, 2020). O educador atua como tradutor simbólico das experiências infantis, transformando observações em propostas pedagógicas significativas. Essa postura amplia as possibilidades de inclusão e participação no ambiente educativo.

O reconhecimento de diferentes formas de comunicação torna-se particularmente relevante em contextos de inclusão. Pesquisas sobre educação inclusiva apontam que recursos visuais, comunicação alternativa e práticas sensíveis à diversidade favorecem o desenvolvimento de crianças não verbais ou com necessidades específicas (Ischkanian et al., 2023b). A ampliação dos canais comunicativos permite que todas as crianças participem da construção coletiva de conhecimento. A linguagem é compreendida como direito fundamental de expressão social.

O uso crescente de tecnologias digitais introduz novas dinâmicas comunicativas na infância, provocando debates sobre impactos no desenvolvimento. Estudos contemporâneos destacam que a mediação adulta é essencial para garantir experiências digitais significativas e evitar redução das interações presenciais (Vieira et al., 2026). O contato excessivo com telas pode limitar oportunidades de diálogo e exploração corporal. A qualidade da interação permanece fator determinante no desenvolvimento da linguagem.

A diminuição do contato visual e das trocas presenciais em contextos marcados pelo uso intenso de dispositivos digitais pode comprometer aspectos fundamentais da comunicação inicial. Pesquisas sobre aprendizagem e tecnologia sugerem que a mediação pedagógica crítica deve priorizar experiências participativas e criativas (Cabral et al., 2024a). A tecnologia pode ser instrumento potente quando integrada a práticas dialógicas que valorizem expressão e colaboração. O desafio reside na construção de equilíbrio entre inovação e relações humanas.

A linguagem influencia diretamente processos cognitivos como memória, atenção e resolução de problemas, constituindo elemento estruturador do pensamento. Estudos clássicos da psicologia apontam que a internalização da linguagem transforma a atividade mental e amplia capacidades de abstração (Luria, 1981; Vygotsky, 2012). O desenvolvimento

comunicativo acompanha a ampliação das funções executivas e da autorregulação. O pensamento infantil evolui em estreita relação com experiências linguísticas significativas.

A expressão artística e corporal contribui para a construção de sentidos sobre experiências vividas, permitindo à criança elaborar emoções complexas. Pesquisas sobre psicomotricidade destacam que movimento e expressão simbólica favorecem integração entre dimensões cognitivas e afetivas (Velasco, 1996). O corpo comunica estados emocionais e interpretações do ambiente antes mesmo da verbalização consciente. A escola que valoriza tais linguagens amplia oportunidades de desenvolvimento integral.

Rotinas pedagógicas influenciam profundamente a qualidade das interações comunicativas estabelecidas no cotidiano escolar. Estudos sobre organização da educação infantil demonstram que ambientes previsíveis e acolhedores favorecem participação ativa das crianças (Barbosa, 2006). A comunicação torna-se mais rica quando há tempo para escuta e exploração espontânea. A estrutura institucional precisa considerar ritmos individuais e possibilidades expressivas diversas.

A participação infantil nas decisões e atividades pedagógicas fortalece autonomia comunicativa e senso de pertencimento. Pesquisas sobre protagonismo infantil indicam que crianças pequenas influenciam práticas educativas quando suas vozes são legitimadas (Campos, 2020). O diálogo entre adultos e crianças transforma relações de poder e amplia experiências de aprendizagem. A comunicação assume papel político dentro do ambiente educativo.

As relações entre pares representam campo privilegiado para o desenvolvimento de habilidades comunicativas complexas. Estudos sobre culturas infantis mostram que as crianças negociam regras, resolvem conflitos e constroem significados coletivos em suas interações espontâneas (Delgado e Müller, 2005). A convivência entre iguais favorece experimentações discursivas que nem sempre ocorrem na presença adulta. O grupo infantil constitui espaço legítimo de produção cultural.

A linguagem oral prepara o terreno para aprendizagens posteriores relacionadas à leitura e à escrita. Pesquisas sobre alfabetização inicial apontam que experiências comunicativas ricas ampliam compreensão textual e consciência fonológica (Vieira et al., 2025). A criança que participa de diálogos significativos desenvolve maior capacidade de interpretar símbolos escritos. O processo de letramento encontra fundamento nas interações cotidianas anteriores à escolarização formal.

O brincar assume função central na articulação entre expressão, imaginação e desenvolvimento cognitivo. Estudos sobre ludicidade demonstram que jogos e brincadeiras possibilitam experimentação simbólica e ampliação da linguagem social (Ischkanian, 2025). A criança interpreta papéis, reorganiza experiências e desenvolve narrativas próprias durante o brincar. O ambiente educativo que valoriza o jogo reconhece sua potência formativa.

A formação docente contínua torna-se essencial para compreender a complexidade das linguagens infantis na contemporaneidade. Pesquisas sobre metodologias educacionais ressaltam a necessidade de práticas reflexivas e atualização constante dos profissionais (Cabral et al., 2024b). O educador precisa articular conhecimento teórico e sensibilidade prática para interpretar manifestações infantis. A qualidade da mediação pedagógica depende desse processo formativo permanente.

A pesquisa acadêmica sobre comunicação infantil requer rigor metodológico e diálogo interdisciplinar para superar simplificações conceituais. Estudos sobre metodologia científica indicam a importância de abordagens qualitativas capazes de captar a complexidade das interações humanas (Creswell, 2021; Batista e Kumada, 2021). A compreensão das linguagens da infância exige observação detalhada e análise contextualizada. A produção de conhecimento fortalece práticas pedagógicas mais conscientes.

A legislação educacional brasileira reconhece a criança como sujeito de direitos, assegurando experiências que respeitem diversidade e expressão individual. Documentos oficiais destacam a importância da comunicação e das interações para o desenvolvimento integral na educação infantil (Brasil, 2010; Brasil, 2018). O reconhecimento institucional legitima práticas pedagógicas centradas no diálogo e na escuta. A política educacional orienta a construção de ambientes inclusivos.

A diversidade cultural amplia repertórios comunicativos e desafia modelos homogêneos de ensino. Estudos sobre inclusão ressaltam que múltiplas linguagens possibilitam participação equitativa de crianças com trajetórias distintas (Silva et al., 2025). O reconhecimento das diferenças transforma o espaço educativo em lugar de encontro entre identidades. A comunicação torna-se ponte entre experiências culturais variadas.

A dimensão emocional da linguagem revela que comunicar-se envolve também ser reconhecido e acolhido pelo outro. Perspectivas psicológicas destacam que vínculos afetivos seguros favorecem desenvolvimento comunicativo e equilíbrio emocional (Winnicott, 1982). A criança aprende a expressar sentimentos quando percebe disponibilidade genuína de escuta. O ambiente relacional influencia diretamente a qualidade das trocas simbólicas.

A interação entre tecnologias e práticas pedagógicas abre possibilidades para novas formas de expressão infantil quando orientada por intencionalidade educativa. Investigações sobre inovação educacional apontam que projetos colaborativos e recursos digitais podem enriquecer experiências comunicativas (Cabral et al., 2024c). A mediação crítica evita substituição do contato humano por interações exclusivamente mediadas por tela. A comunicação permanece ancorada na experiência compartilhada.

A análise do desenvolvimento comunicativo evidencia que fala, gesto e expressão artística constituem dimensões interdependentes do crescimento infantil. Referenciais clássicos

e estudos recentes convergem ao afirmar que linguagem emerge da relação entre corpo, cultura e interação social (Martins, 2013; Vygotsky, 2009). A criança constrói sentidos ao participar ativamente de práticas sociais significativas. O desenvolvimento cognitivo torna-se inseparável das experiências comunicativas vividas nos primeiros anos.

A compreensão da comunicação na primeira infância exige abandonar perspectivas reducionistas e reconhecer a complexidade do processo formativo humano. Pesquisas contemporâneas indicam que escuta ativa, ambientes pedagógicos sensíveis e valorização das múltiplas linguagens favorecem trajetórias de aprendizagem mais ricas e inclusivas (Azevedo et al., 2025). A infância revela potência criativa que se expressa em múltiplos códigos simbólicos. O desenvolvimento pleno depende da qualidade das relações estabelecidas nesse período decisivo da vida.

2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA PARA DELINEAMENTO DO ARTIGO

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, orientada pela análise interpretativa de produções científicas relacionadas ao tema comunicação, expressão e linguagens na primeira infância, com foco na escuta, na fala, nos gestos e em outras formas de expressão. A escolha pela perspectiva qualitativa fundamenta-se na necessidade de compreender significados e processos que emergem das práticas pedagógicas e das interações sociais, priorizando a interpretação dos fenômenos educacionais em vez da mensuração numérica dos dados, perspectiva discutida por Narciso e Santana (2025) ao tratarem das metodologias científicas na educação. Essa abordagem permite explorar a complexidade das experiências comunicativas infantis a partir de múltiplos olhares teóricos, valorizando a profundidade analítica e a contextualização histórica e cultural dos dados examinados.

Quanto à natureza, a investigação caracteriza-se como pesquisa básica, pois busca ampliar o campo de conhecimento sobre comunicação e linguagens na infância sem propor intervenção imediata em contextos específicos, concentrando-se na elaboração conceitual e na compreensão teórica do fenômeno estudado. A pesquisa básica possibilita examinar relações entre linguagem, desenvolvimento e práticas educativas de maneira aprofundada, o que favorece a construção de fundamentos que podem subsidiar futuras investigações aplicadas. Essa escolha metodológica reforça o compromisso com a produção de conhecimento científico que dialogue com diferentes referenciais e contribua para reflexões educacionais mais amplas.

Em relação aos objetivos, o estudo assume caráter exploratório e descritivo, uma vez que busca ampliar a compreensão sobre conceitos centrais do campo e sistematizar discussões já presentes na literatura especializada. O caráter exploratório permite identificar lacunas e tendências no debate acadêmico, enquanto a dimensão descritiva favorece a organização das abordagens encontradas sobre comunicação e expressão infantil, movimento considerado

essencial para o desenvolvimento de análises consistentes. A revisão de literatura orientada por critérios metodológicos claros, como apontam Galvão e Ricarte (2019), fortalece o rigor da investigação e amplia a confiabilidade das interpretações produzidas.

No que se refere aos procedimentos técnicos, a pesquisa é predominantemente bibliográfica, fundamentada na análise de livros, artigos científicos, teses e documentos acadêmicos que discutem o tema investigado. A pesquisa bibliográfica, segundo Batista e Kumada (2021), possibilita reunir e analisar contribuições já consolidadas, permitindo ao pesquisador compreender o estado da arte e identificar conexões entre diferentes abordagens teóricas. A importância desse procedimento reside na capacidade de construir um referencial sólido e crítico, evitando análises superficiais e possibilitando diálogo contínuo entre produções científicas diversas.

A investigação também assume caráter documental ao incorporar materiais disponíveis em bases digitais e científicas, os quais apresentam dados relevantes para a compreensão do objeto de estudo. Fávero e Centenaro (2019) destacam que a pesquisa documental amplia o alcance analítico ao incluir fontes que expressam contextos institucionais e históricos específicos, contribuindo para análises mais completas. Foram consultadas plataformas como CAPES, Scopus, Web of Science, SciELO, Academia.edu e Google Acadêmico, com seleção baseada em critérios de pertinência temática, atualidade e rigor científico.

O processo de seleção das fontes dialogou com princípios de revisões sistemáticas, buscando garantir transparência e consistência metodológica na organização do corpus analisado. A utilização de diretrizes voltadas à sistematização das buscas e à explicitação dos critérios de inclusão e exclusão aproxima o estudo das recomendações apresentadas por Page et al. (2021), que enfatizam a importância da clareza nos processos de revisão científica. Morales (2022) reforça que metodologias de revisão estruturadas favorecem a confiabilidade dos resultados e diminuem riscos de viés interpretativo.

Após a triagem inicial, os textos selecionados foram submetidos à leitura analítica aprofundada, processo que permitiu identificar conceitos recorrentes, divergências teóricas e contribuições originais relacionadas à comunicação na primeira infância. Esse procedimento não se restringiu à coleta de informações, mas envolveu interpretação crítica e diálogo entre autores, buscando compreender como diferentes perspectivas abordam a relação entre linguagem, desenvolvimento e práticas educativas. A análise foi orientada pela construção de categorias temáticas capazes de organizar os achados de forma coerente e articulada.

A categorização temática constituiu etapa fundamental para o desenvolvimento da análise, permitindo reunir conteúdos em eixos conceituais relacionados à escuta, expressão corporal, linguagem oral e mediação pedagógica. Creswell (2021) destaca que a organização

sistemática dos dados em categorias favorece a construção de narrativas interpretativas consistentes, evitando fragmentação das análises e fortalecendo a coerência argumentativa. A partir desse procedimento, tornou-se possível estabelecer relações entre diferentes produções científicas e construir interpretações fundamentadas.

O cruzamento entre os dados analisados possibilitou identificar recorrências e contrastes nas abordagens teóricas, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do fenômeno investigado. Esse processo interpretativo exigiu postura reflexiva do pesquisador, uma vez que a pesquisa bibliográfica demanda análise crítica que ultrapasse a simples reprodução de conteúdos. A articulação entre diferentes autores permitiu evidenciar convergências conceituais e tensionamentos teóricos relevantes para o campo da educação infantil.

Creswell (2021) destaca que a análise metodológica adotada reconhece que o conhecimento científico é construído por meio do diálogo entre perspectivas diversas e da interpretação cuidadosa das evidências disponíveis. A sistematização criteriosa dos dados, defendida por autores da metodologia científica, contribui para evitar contradições e fortalecer a consistência interna do estudo, garantindo que as interpretações apresentadas estejam fundamentadas em bases teóricas sólidas. A pesquisa, portanto, estrutura-se a partir de procedimentos rigorosos que privilegiam a profundidade analítica e a construção crítica do conhecimento.

A escolha por uma abordagem qualitativa bibliográfica e documental mostra-se adequada ao objetivo de compreender a comunicação, a expressão e as linguagens na primeira infância como fenômenos complexos e multidimensionais. A articulação entre diferentes referências teóricas permitiu desenvolver uma análise abrangente e crítica, capaz de evidenciar a importância das interações comunicativas no desenvolvimento infantil e de sustentar discussões acadêmicas consistentes sobre práticas pedagógicas contemporâneas. Dessa maneira, a metodologia adotada fornece base sólida para a construção do artigo e para a interpretação aprofundada do tema investigado.

2.2. A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

A comunicação na primeira infância constitui o alicerce sobre o qual se estruturam as experiências humanas iniciais, envolvendo dimensões cognitivas, afetivas e sociais que moldam o desenvolvimento integral da criança. Estudos da psicologia histórico-cultural destacam que a linguagem não emerge como habilidade isolada, mas como resultado de relações sociais mediadas que permitem à criança organizar o pensamento e atribuir significado ao mundo que a cerca (Vygotsky, 2009). Desde os primeiros meses de vida, interações comunicativas favorecem a construção de referências simbólicas que sustentam aprendizagens

futuras e possibilitam o surgimento de formas complexas de raciocínio. A comunicação, portanto, representa elemento constitutivo da própria humanização, ao inserir o bebê em uma rede de significados compartilhados.

A relação entre comunicação e desenvolvimento humano torna-se evidente quando se observa que a linguagem influencia diretamente a formação das funções psicológicas superiores. Pesquisas clássicas indicam que a atividade comunicativa transforma experiências sensoriais em processos mentais elaborados, permitindo à criança planejar ações, interpretar intenções e regular emoções (Vygotsky, 2012). O diálogo com adultos e pares oferece condições para que o pensamento evolua da ação concreta para níveis mais abstratos de compreensão. Nesse contexto, a comunicação ultrapassa o campo da expressão verbal e assume papel estruturador do desenvolvimento intelectual e emocional.

A construção da identidade infantil ocorre em constante diálogo com o outro, sendo mediada por práticas comunicativas que atribuem reconhecimento e pertencimento social. Estudos sobre desenvolvimento emocional ressaltam que a criança forma imagens de si mesma a partir das respostas que recebe em suas interações cotidianas, processo no qual o acolhimento comunicativo exerce papel central (Winnicott, 1982). O olhar, o tom de voz e a disponibilidade do interlocutor influenciam a percepção que a criança desenvolve sobre suas próprias capacidades expressivas. A identidade emerge, portanto, como resultado de experiências comunicativas que validam ou limitam a participação infantil no mundo social.

A socialização na primeira infância não se restringe à adaptação a normas externas, mas envolve a aprendizagem de modos de participar de práticas culturais compartilhadas. Pesquisas sobre gêneros orais mostram que a criança apropria-se progressivamente das formas discursivas presentes na comunidade em que vive, compreendendo usos sociais da linguagem em diferentes contextos (Travaglia et al., 2013). A convivência com narrativas, cantigas e conversas cotidianas oferece repertório simbólico essencial para a inserção social. O processo comunicativo torna-se, nesse sentido, mediador entre experiência individual e cultura coletiva.

A criança deve ser compreendida como sujeito ativo que comunica desde o nascimento, utilizando recursos expressivos que antecedem a fala articulada. O choro, os gestos e os movimentos corporais constituem formas legítimas de comunicação que revelam intenções e necessidades, apontando para uma participação ativa nas interações sociais desde os primeiros dias de vida. Pesquisas sobre desenvolvimento psicomotor indicam que o corpo funciona como linguagem primordial, permitindo à criança explorar relações com o ambiente e com outras pessoas (Velasco, 1996). Reconhecer essa atividade comunicativa inicial amplia a compreensão pedagógica sobre a infância e evita interpretações centradas exclusivamente na oralidade.

A dimensão lúdica desempenha papel decisivo na ampliação das competências comunicativas infantis, pois o brincar cria contextos nos quais a criança experimenta diferentes formas de expressão e interação. Estudos sobre ensino e aprendizagem destacam que a brincadeira favorece a elaboração simbólica e o desenvolvimento da linguagem socialmente orientada (Solovieva; Rojas, 2008). Durante atividades lúdicas, as crianças negociam sentidos, constroem narrativas e exercitam papéis sociais, fortalecendo habilidades discursivas e cognitivas. O jogo, portanto, constitui espaço privilegiado para a constituição da comunicação como prática social.

As experiências comunicativas iniciais também influenciam processos de alfabetização e reflexão linguística que se consolidarão em etapas posteriores da educação. Pesquisas sobre metalinguagem mostram que a capacidade de refletir sobre palavras e estruturas discursivas tem origem em interações comunicativas significativas vividas nos primeiros anos de vida (Vieira et al., 2025). A criança que participa de contextos ricos em diálogo desenvolve maior sensibilidade para os aspectos simbólicos da linguagem. A comunicação precoce estabelece bases sólidas para aprendizagens acadêmicas futuras, reforçando sua centralidade no desenvolvimento humano.

A diversidade cultural amplia as possibilidades de compreensão da comunicação infantil ao evidenciar que diferentes povos estruturam modos singulares de interação e transmissão simbólica. Estudos antropológicos demonstram que práticas comunicativas variam conforme contextos socioculturais, revelando múltiplas formas de socialização e construção de sentido (Viveiros de Castro, 1992). Essa perspectiva contribui para superar visões universalizantes sobre linguagem e infância, valorizando a pluralidade de experiências comunicativas presentes na sociedade contemporânea. O reconhecimento da diversidade fortalece práticas pedagógicas mais inclusivas e sensíveis.

No cenário contemporâneo, tecnologias digitais introduzem novas formas de comunicação que impactam a experiência infantil e desafiam práticas educativas tradicionais. Pesquisas sobre inovação educacional apontam que recursos tecnológicos podem ampliar oportunidades de expressão quando integrados a propostas pedagógicas que valorizem interação e criatividade (Vieira et al., 2026). A mediação adulta torna-se elemento decisivo para que essas ferramentas promovam diálogo e não substituam relações humanas essenciais ao desenvolvimento da linguagem. A comunicação infantil passa a incorporar novos códigos sem perder a centralidade das trocas presenciais e afetivas.

A compreensão da comunicação na primeira infância exige reconhecer sua função estruturante na formação da subjetividade, no desenvolvimento cognitivo e na construção de vínculos sociais duradouros. Referenciais teóricos clássicos indicam que a linguagem se constitui na relação entre indivíduo e cultura, sendo produto e condição do desenvolvimento

humano (Vygotsky, 2001; Vygotsky, 2006). A criança comunica-se desde o nascimento por múltiplas linguagens que revelam intencionalidade e participação ativa nas experiências sociais. A valorização dessas manifestações constitui fundamento para práticas educativas que reconheçam a infância como etapa potente de criação simbólica e de elaboração de sentidos sobre o mundo.

2.3. AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS DA CRIANÇA

A compreensão das múltiplas linguagens da criança exige reconhecer que a comunicação na infância ultrapassa a esfera exclusivamente verbal e envolve diferentes modos de expressão que emergem nas interações cotidianas. Estudos fundamentados na psicologia histórico-cultural indicam que o desenvolvimento do psiquismo infantil ocorre por meio da apropriação de signos e práticas sociais que se manifestam em diversas formas expressivas (Martins, 2013). A criança constrói significados através da fala, do movimento, do olhar e da ação simbólica, integrando diferentes canais comunicativos em um processo dinâmico de elaboração da experiência. Esse entendimento amplia o campo pedagógico ao reconhecer que a linguagem se configura como fenômeno plural e profundamente vinculado ao contexto social.

A linguagem verbal ocupa posição relevante na constituição do pensamento infantil, porém sua emergência ocorre em diálogo constante com manifestações não verbais que antecedem a fala articulada. Pesquisas sobre desenvolvimento infantil destacam que gestos, sons e expressões corporais funcionam como mediadores iniciais da comunicação, permitindo que a criança participe ativamente das relações sociais desde os primeiros meses de vida (Martins, 2012). O desenvolvimento verbal não substitui essas formas anteriores de expressão, mas se integra a elas em um processo contínuo de ampliação comunicativa. A coexistência entre verbal e não verbal evidencia a complexidade das trocas simbólicas na infância.

Gestos, expressões faciais e direcionamento do olhar constituem recursos comunicativos sofisticados que revelam intenções, emoções e interpretações do ambiente. A criança pequena mobiliza o corpo para expressar desejos antes mesmo de dominar estruturas linguísticas complexas, produzindo sinais que demandam leitura atenta do adulto. Essa comunicação corporal não pode ser reduzida a manifestações espontâneas sem significado, pois representa formas organizadas de interação social. O reconhecimento pedagógico dessas expressões amplia possibilidades de escuta e fortalece vínculos no contexto educativo.

O movimento corporal também desempenha papel essencial na construção do conhecimento, uma vez que a criança aprende explorando o espaço e experimentando relações físicas e simbólicas com os objetos. Estudos sobre desenvolvimento infantil mostram que ação e pensamento se articulam de maneira inseparável, permitindo que o corpo funcione como meio de investigação do mundo (Martins, 2013). A comunicação corporal revela experiências

afetivas e cognitivas que muitas vezes não encontram tradução imediata na linguagem oral. A valorização dessa dimensão contribui para práticas educativas mais integradas e sensíveis.

As linguagens artísticas representam formas privilegiadas de expressão infantil, oferecendo possibilidades de elaboração simbólica que transcendem limites da oralidade. Produções visuais, experiências musicais e manifestações dramáticas permitem que a criança comunique percepções e emoções complexas por meio de símbolos próprios, ampliando repertórios comunicativos. Estudos sobre diversidade na educação infantil apontam que múltiplas inteligências e linguagens fortalecem o desenvolvimento integral quando reconhecidas como componentes legítimos do processo educativo (Silva et al., 2025). A arte torna-se espaço de experimentação e criação de sentidos compartilhados.

A musicalidade ocupa lugar singular entre as linguagens da infância, pois integra ritmo, emoção e interação social em experiências coletivas significativas. A criança utiliza sons, melodias e movimentos rítmicos para estabelecer conexões afetivas e explorar padrões comunicativos que antecedem estruturas discursivas complexas. A experiência musical estimula percepção auditiva, coordenação motora e expressão emocional, contribuindo para o desenvolvimento global. O ambiente educativo que valoriza a música oferece oportunidades para ampliação da comunicação simbólica e social.

A linguagem simbólica manifesta-se de maneira intensa nas brincadeiras infantis, nas quais objetos e ações adquirem significados que extrapolam sua função imediata. Pesquisas sobre atividade lúdica demonstram que o jogo favorece a construção de narrativas e a experimentação de papéis sociais, permitindo à criança organizar experiências e desenvolver competências comunicativas sofisticadas (Solovieva; Rojas, 2016). Durante a brincadeira, a criança negocia regras, interpreta situações e expressa emoções por meio de representações imaginativas. O jogo constitui espaço privilegiado para a articulação entre linguagem e pensamento.

A brincadeira pode ser compreendida como linguagem essencial da infância por reunir elementos verbais, corporais e simbólicos em uma experiência integrada de comunicação. A criança brinca para compreender o mundo e para experimentar possibilidades de ação social, transformando situações cotidianas em cenários imaginários ricos em significado. Essa atividade promove interação entre pares e fortalece competências sociais relacionadas à cooperação e à negociação. O reconhecimento do brincar como linguagem amplia a compreensão do desenvolvimento infantil e orienta práticas pedagógicas mais significativas.

A análise das múltiplas linguagens infantis demanda procedimentos metodológicos rigorosos que permitam interpretar a complexidade dos fenômenos educacionais. Pesquisas sobre metodologia científica ressaltam a importância da revisão sistemática e da análise documental para compreender diferentes perspectivas teóricas e evitar interpretações

simplificadas (Page et al., 2021; Morales, 2022). A articulação entre referenciais diversos possibilita construir leituras mais profundas sobre a comunicação infantil, evidenciando a necessidade de abordagens interdisciplinares. O diálogo entre teoria e prática fortalece a compreensão das linguagens presentes na infância.

A valorização das múltiplas linguagens da criança implica reconhecer a infância como período de intensa produção simbólica e participação ativa na cultura. Estudos sobre metodologias em educação ressaltam que práticas pedagógicas sensíveis à diversidade expressiva contribuem para experiências de aprendizagem mais inclusivas e significativas (Narciso; Santana, 2025; Silva et al., 2009). A criança comunica-se por meio da fala, do corpo, da arte e do brincar, construindo sentidos que estruturam seu desenvolvimento cognitivo e social. Compreender essa pluralidade representa condição essencial para uma educação infantil que respeite a complexidade da experiência humana nos primeiros anos de vida.

2.4. ESCUTA SENSÍVEL E ESCUTA ATIVA

A escuta sensível na primeira infância representa um elemento central para a compreensão das necessidades infantis e para a construção de vínculos que sustentam o desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões. Estudos fundamentados na psicologia histórico-cultural indicam que o desenvolvimento psíquico ocorre por meio da interação entre sujeito e meio social, sendo a comunicação mediada uma condição para a formação das funções mentais superiores (Leontiev, 2004). Quando o adulto escuta atentamente as manifestações infantis, reconhece a criança como interlocutora legítima e amplia possibilidades de expressão e participação. A escuta, nesse sentido, constitui prática relacional que ultrapassa a recepção passiva de informações e implica disponibilidade afetiva e interpretativa.

O papel do adulto no reconhecimento das necessidades infantis demanda atenção constante às formas verbais e não verbais de comunicação. Investigações sobre linguagem e pensamento destacam que a criança expressa desejos e emoções por diferentes meios, muitos dos quais exigem interpretação cuidadosa para serem compreendidos (Luria, 1979). O adulto que observa o tom da voz, os gestos e o comportamento da criança consegue identificar necessidades que ainda não foram verbalizadas de maneira clara. A escuta ativa torna-se instrumento de mediação entre experiências internas da criança e possibilidades externas de resposta.

A escuta como prática pedagógica implica considerar que cada manifestação infantil carrega significados construídos nas interações sociais e no contexto cultural em que a criança está inserida. Perspectivas teóricas sobre o desenvolvimento da linguagem ressaltam que o diálogo constitui espaço fundamental para a organização do pensamento e para a construção da consciência (Luria, 2001). O educador que escuta não apenas responde, mas também cria

condições para que a criança elabore ideias e experimente novas formas de expressão. A prática pedagógica pautada na escuta valoriza processos comunicativos e fortalece a autonomia infantil.

A dimensão afetiva da escuta revela que a atenção oferecida pelo adulto influencia diretamente a segurança emocional da criança. Estudos psicológicos indicam que o reconhecimento das manifestações infantis promove confiança nas relações e favorece a exploração do ambiente com maior liberdade (Luria, 1981). Quando a criança percebe que suas expressões são acolhidas, desenvolve maior disposição para comunicar sentimentos e pensamentos. A escuta sensível torna-se, portanto, componente essencial na construção de vínculos afetivos estáveis.

> A dimensão afetiva presente na escuta demonstra que a qualidade da atenção oferecida pelo adulto exerce influência decisiva sobre a estabilidade emocional da criança, pois quando suas manifestações verbais e não verbais são percebidas, interpretadas e acolhidas com sensibilidade, cria-se um ambiente relacional marcado por confiança e segurança que favorece a expressão espontânea de emoções e pensamentos, permitindo que a criança explore o espaço ao seu redor com maior autonomia e curiosidade, condição apontada por estudos psicológicos como essencial para o fortalecimento dos vínculos interpessoais e para o desenvolvimento saudável da personalidade, já que o reconhecimento constante de suas iniciativas comunicativas contribui para a construção de autoestima, para a ampliação da capacidade de diálogo e para a consolidação de relações afetivas estáveis que sustentam tanto o aprendizado quanto a inserção social ao longo do desenvolvimento (Luria, 1981).

O tempo ocupa papel relevante na construção de uma escuta verdadeiramente ativa, pois compreender a criança exige respeito aos seus ritmos e formas próprias de expressão. Pesquisas sobre desenvolvimento infantil destacam que processos comunicativos não seguem padrões uniformes, demandando paciência e observação contínua por parte dos adultos (Lazaretti, 2016). A pressa cotidiana pode silenciar manifestações importantes que emergem lentamente nas interações. Oferecer tempo para que a criança se expresse significa reconhecer sua singularidade no processo de desenvolvimento.

A observação cuidadosa constitui estratégia indispensável para a escuta sensível, permitindo ao adulto captar nuances presentes nas ações e nos silêncios infantis. A criança comunica intenções por meio de escolhas, olhares e movimentos que nem sempre se traduzem em linguagem verbal imediata, exigindo atenção refinada do educador. A observação amplia a compreensão das experiências infantis e favorece intervenções pedagógicas mais adequadas ao contexto vivido. Esse processo transforma a escuta em exercício contínuo de interpretação e diálogo.

A escuta ativa também contribui para a construção de ambientes educativos mais democráticos, nos quais a criança participa como sujeito de direitos e produtora de sentidos. Estudos sobre desenvolvimento do psiquismo ressaltam que a atividade humana é socialmente

construída e depende da interação entre indivíduos para se tornar significativa (Leontiev, 2004). Quando o adulto valoriza a voz infantil, estimula a participação e fortalece processos de socialização. A escola torna-se espaço de diálogo em que diferentes perspectivas podem coexistir e se transformar mutuamente.

A atenção às manifestações infantis favorece o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, pois a criança aprende a organizar ideias ao perceber que suas expressões são consideradas relevantes. Pesquisas sobre linguagem e cognição indicam que o diálogo contínuo com interlocutores atentos estimula a ampliação do vocabulário e a construção de estruturas narrativas mais complexas (Luria, 1979). A escuta ativa funciona como suporte para a expansão das capacidades comunicativas. O adulto participa desse processo ao responder de maneira significativa às iniciativas infantis.

A prática da escuta sensível exige formação docente capaz de articular conhecimento teórico e sensibilidade relacional. O educador precisa desenvolver competências para interpretar sinais comunicativos diversos e para transformar observações em estratégias pedagógicas que respeitem a singularidade da criança. A escuta deixa de ser atitude espontânea e passa a constituir ação intencional orientada por princípios educativos. Essa postura favorece uma pedagogia que reconhece o valor das experiências infantis e amplia possibilidades de aprendizagem.

A escuta sensível e a escuta ativa configuram fundamentos essenciais para uma educação infantil comprometida com o desenvolvimento integral da criança. Referenciais teóricos da psicologia histórico-cultural apontam que a formação do pensamento ocorre nas relações sociais mediadas pela linguagem, tornando a escuta elemento indispensável nesse processo (Luria, 2001; Leontiev, 2004). O adulto que dedica tempo, atenção e observação às manifestações infantis contribui para a construção de ambientes afetivos e pedagógicos capazes de promover autonomia, participação e crescimento cognitivo. A escuta, compreendida como prática ética e educativa, transforma-se em instrumento poderoso de reconhecimento da criança como sujeito ativo e comunicante.

2.5. DESENVOLVIMENTO DA FALA E DA LINGUAGEM ORAL

O desenvolvimento da fala e da linguagem oral na primeira infância constitui um processo gradual, marcado por experiências comunicativas que se iniciam antes mesmo da produção das primeiras palavras. Estudos sobre a história social da infância demonstram que a compreensão da criança como sujeito ativo do desenvolvimento linguístico é relativamente recente e resulta de mudanças culturais e pedagógicas significativas (Ariès, 1978). A aquisição da linguagem envolve interações constantes entre fatores biológicos e sociais, exigindo contextos ricos em estímulos comunicativos para que a criança possa organizar percepções

sonoras e atribuir significados às experiências vividas. O percurso linguístico inicial revela a complexidade das relações entre pensamento, emoção e convivência social.

Os processos iniciais de aquisição da linguagem manifestam-se por meio de vocalizações, balbucios e tentativas progressivas de comunicação que demonstram intencionalidade crescente. Pesquisas contemporâneas apontam que essas manifestações devem ser compreendidas como formas legítimas de participação social e não apenas como etapas preparatórias para a fala articulada (Azevedo et al., 2025). O bebê experimenta sons e ritmos em diálogo com o ambiente, respondendo a estímulos afetivos e sonoros que contribuem para a construção de repertórios linguísticos. Esse processo evidencia que a linguagem emerge em contextos relacionais significativos.

A influência das interações sociais no desenvolvimento da fala aparece de maneira decisiva na qualidade das trocas estabelecidas entre criança e adultos. Estudos da sociologia da infância ressaltam que a criança constrói sentidos a partir das experiências compartilhadas e das respostas que recebe de seus interlocutores (Belloni, 2009). A presença de adultos atentos, que dialogam e interpretam as manifestações infantis, favorece a ampliação do vocabulário e o fortalecimento das competências comunicativas. A linguagem desenvolve-se em um ambiente relacional no qual a participação ativa da criança é valorizada.

O diálogo cotidiano representa um dos principais estímulos para o desenvolvimento da linguagem oral, uma vez que permite à criança experimentar diferentes usos da fala em situações reais de comunicação. Pesquisas educacionais indicam que conversas espontâneas durante rotinas diárias ampliam a compreensão semântica e favorecem a construção de estruturas narrativas mais elaboradas (Barbosa, 2006). A interação verbal em contextos afetivos reforça o sentido da linguagem como instrumento de troca e expressão pessoal. O cotidiano transforma-se, portanto, em espaço privilegiado de aprendizagem linguística.

As práticas pedagógicas desempenham papel central na promoção do desenvolvimento da fala, especialmente quando organizadas para favorecer escuta, diálogo e participação ativa das crianças. Documentos oficiais da educação infantil destacam a importância de ambientes que estimulem a comunicação e respeitem diferentes formas de expressão verbal (Brasil, 2018). O educador atua como mediador ao propor situações comunicativas que desafiem a criança a ampliar suas possibilidades linguísticas. A escola torna-se espaço de construção coletiva de significados.

A relação entre linguagem oral e desenvolvimento cognitivo evidencia que a fala não representa apenas meio de comunicação, mas também instrumento de organização do pensamento. Estudos recentes sobre alfabetização e aprendizagem apontam que a qualidade das interações verbais na infância influencia processos futuros de leitura e escrita (Belchior et al., 2025). A criança que participa de diálogos significativos desenvolve maior capacidade de

argumentação, memória verbal e compreensão simbólica. O desenvolvimento da linguagem oral contribui para a formação de bases cognitivas essenciais ao percurso escolar.

O respeito ao ritmo individual da criança constitui princípio fundamental para compreender o desenvolvimento da linguagem sem recorrer a comparações inadequadas. Pesquisas sobre desenvolvimento infantil ressaltam que cada criança possui temporalidades próprias na aquisição da fala, influenciadas por fatores emocionais, sociais e culturais (Azevedo et al., 2025). Pressões por resultados rápidos podem gerar ansiedade e limitar experiências espontâneas de expressão. A valorização das diferenças individuais favorece trajetórias linguísticas mais saudáveis e confiantes.

A escuta sensível do adulto contribui diretamente para o avanço da linguagem oral, pois permite interpretar tentativas comunicativas ainda incompletas e transformá-las em oportunidades de diálogo. Estudos sobre práticas educativas indicam que respostas acolhedoras incentivam a criança a experimentar novas formas de expressão e ampliam sua participação nas interações sociais (Barbosa, 2006). A linguagem desenvolve-se quando a criança percebe que sua fala possui valor e impacto no ambiente. O reconhecimento das iniciativas comunicativas fortalece a autonomia linguística.

A dimensão social da fala também envolve o reconhecimento da criança como sujeito de direitos, capaz de participar ativamente da vida coletiva por meio da comunicação. O Estatuto da Criança e do Adolescente destaca a importância de garantir condições para o desenvolvimento integral, incluindo oportunidades de expressão e participação social (Brasil, 2010). A linguagem oral torna-se instrumento de cidadania desde os primeiros anos de vida, possibilitando que a criança manifeste opiniões e sentimentos. O desenvolvimento linguístico adquire, portanto, relevância ética e social.

Compreender o desenvolvimento da fala e da linguagem oral exige integrar diferentes perspectivas teóricas e reconhecer a complexidade do processo comunicativo infantil. Estudos metodológicos reforçam a importância de análises críticas e fundamentadas para evitar interpretações simplificadas sobre a aquisição da linguagem (Batista e Kumada, 2021). A criança desenvolve sua fala em diálogo contínuo com o meio, sendo influenciada por interações cotidianas, práticas pedagógicas e contextos culturais diversos. O respeito ao ritmo individual e a valorização das relações comunicativas constituem pilares para promover experiências linguísticas ricas e significativas na primeira infância.

2.6. GESTOS E EXPRESSÃO CORPORAL COMO COMUNICAÇÃO

O corpo constitui o primeiro meio de expressão da criança, funcionando como uma linguagem primordial que antecede a fala e permite a comunicação de desejos, sentimentos e descobertas. Pesquisas em educação infantil enfatizam que gestos, movimentos corporais e

expressões faciais formam uma rede complexa de significados, na qual cada ação transmite intenções que podem ser reconhecidas e respondidas pelo adulto (Campos, 2020). A atenção ao corpo como instrumento comunicativo possibilita compreender a criança como sujeito ativo, capaz de participar e modificar o ambiente a partir de suas interações corporais.

A expressão corporal emerge como forma de mediação entre emoções e pensamento, oferecendo à criança meios de externalizar experiências internas antes que sejam verbalizadas. Estudos indicam que o movimento reflete estados afetivos e cognitivos, funcionando como um canal privilegiado de interação com o mundo (Coelho, Barni & Federige, 2021). A dança espontânea, os gestos de apontar ou os abraços oferecidos durante brincadeiras não apenas comunicam intenções, mas também estruturam relações afetivas e fortalecem vínculos sociais, sendo indicadores sensíveis do desenvolvimento emocional.

Gestos intencionais como acenar, bater palmas ou gesticular para indicar escolhas demonstram que a comunicação não verbal possui significado próprio e está interligada à aprendizagem social. Pesquisas recentes apontam que crianças utilizam o corpo para construir narrativas compartilhadas e negociar significados com pares e adultos (Cabral et al., 2024a). A observação dessas práticas revela que a comunicação corporal não é secundária à linguagem verbal, mas constitui base para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, refletindo a integração entre percepção, ação e emoção.

A articulação entre corpo e linguagem também se manifesta na capacidade de expressar emoções complexas por meio de movimentos sutis, como o franzir da testa, o bater de pés ou a imitação de expressões de interlocutores. Estudos em pedagogia histórico-cultural indicam que tais manifestações corporais funcionam como antecipações simbólicas da fala, permitindo que a criança organize intenções comunicativas e construa repertórios sociais (Cabral et al., 2024b). O corpo transforma-se, portanto, em uma interface sensível entre pensamento, emoção e comunicação intencional.

A brincadeira é um espaço privilegiado para a expressão corporal, pois combina exploração motora, criatividade e interação social em contextos de significado compartilhado. Pesquisas sobre aprendizagem baseada em projetos destacam que atividades lúdicas permitem à criança experimentar gestos e movimentos com propósitos comunicativos, gerando trocas simbólicas e construção de sentidos coletivos (Cabral et al., 2024c). O movimento torna-se linguagem quando a criança compreende que sua ação produz efeitos perceptíveis no ambiente, fortalecendo competências comunicativas e sociais.

O desenvolvimento da percepção corporal está intimamente ligado à construção de relações de confiança com o adulto, que interpreta, valida e responde às manifestações não verbais. Estudos sobre escuta sensível evidenciam que a atenção cuidadosa às expressões corporais promove segurança emocional e favorece a exploração do espaço e do contexto social

pela criança (Coelho, Barni & Federige, 2021). A mediação adulta transforma gestos isolados em elementos significativos da comunicação, incentivando a experimentação de novas formas de interação.

Movimentos finos e gestos detalhados, como manipulação de objetos, apontamentos e dramatizações, refletem processos cognitivos complexos, evidenciando que a comunicação corporal está associada à aquisição de conceitos e à organização do pensamento. Pesquisas em educação infantil indicam que essas ações corporais são inseparáveis de estratégias de aprendizagem e constituem recursos fundamentais para a construção de significados (Cabral et al., 2024a). A exploração corporal torna-se, nesse contexto, ferramenta de investigação e expressão intelectual.

O olhar e a postura corporal complementam os gestos, funcionando como indicadores de atenção, interesse e intenção comunicativa. Estudos apontam que crianças pequenas regulam interações por meio de direcionamento do olhar e ajustes posturais, estabelecendo formas sutis de diálogo com adultos e colegas (Campos, 2020). A interpretação desses sinais corporais requer sensibilidade e conhecimento do desenvolvimento infantil, permitindo ao adulto promover respostas adequadas e fortalecer vínculos afetivos e comunicativos.

A comunicação corporal também envolve aspectos culturais e sociais, na medida em que gestos e movimentos são moldados por práticas coletivas e contextos pedagógicos específicos. Pesquisas em educação e cultura evidenciam que crianças internalizam padrões de expressão corporal presentes no ambiente, criando repertórios que dialogam com tradições, normas e valores compartilhados (Cabral et al., 2024b). O corpo torna-se, portanto, veículo de socialização e instrumento de mediação cultural, integrando aspectos afetivos, cognitivos e éticos.

A compreensão de gestos e expressão corporal como formas legítimas de comunicação exige uma abordagem pedagógica sensível, que reconheça a criança como sujeito ativo e capaz de se expressar por múltiplos canais. Diretrizes nacionais para a educação infantil enfatizam a importância de considerar o movimento, o jogo e a ação como elementos essenciais da aprendizagem e da construção de sentido (Brasil, MEC, SEB, 2010). O corpo não apenas transmite mensagens, mas atua como espaço de criação, interação e afirmação da subjetividade infantil, consolidando seu papel central no desenvolvimento integral.

2.7. AMBIENTE PEDAGÓGICO E EXPERIÊNCIAS COMUNICATIVAS

O ambiente pedagógico constitui espaço privilegiado para a mediação de experiências comunicativas, sendo o contexto físico e simbólico determinante na forma como a criança se expressa e interage. Pesquisas sobre educação infantil evidenciam que a organização de salas de aula ricas em estímulos linguísticos, visuais e sensoriais favorece o desenvolvimento da

linguagem oral, gestual e simbólica, criando oportunidades para que crianças explorem e negociem significados com adultos e pares (Ischkanian, 2025). A disposição de cantos de leitura, materiais artísticos e instrumentos musicais transforma a interação cotidiana em uma rede de trocas significativas, ampliando repertórios comunicativos e afetivos. Nos exemplos destacados, os autores (2023), evidenciam ideias inovadoras, acerca do contexto.

Círculo de histórias: contação de histórias onde as crianças podem interromper, comentar ou recontar trechos, incentivando diálogo, interpretação de narrativas e a construção de sentidos compartilhados, fortalecendo habilidades linguísticas e sociais (Ischkanian; Cabral et al., 2023).

Teatro de fantoches: encenação de situações do cotidiano ou histórias inventadas utilizando fantoches, permitindo que as crianças expressem emoções, desenvolvam criatividade, ampliem vocabulário e explorem diferentes papéis sociais (Ischkanian; Drumond et al., 2023).

Cantinho da música: exploração de instrumentos musicais, canções e ritmos, promovendo percepção auditiva, coordenação motora, memorização de letras e integração entre expressão corporal e verbal (Ischkanian; Paiva et al., 2023).

Roda de conversas: momento diário em que as crianças compartilham experiências, sentimentos e opiniões, fortalecendo a escuta ativa, a argumentação, a empatia e a construção de vínculos sociais (Ischkanian; Carvalho et al., 2023).

Brincadeiras de dramatização: recriação de profissões, situações familiares ou cenas de histórias, integrando linguagem oral, expressão corporal e criatividade, além de favorecer compreensão de regras sociais e cooperação (Ischkanian; Oliveira et al., 2024).

Oficinas de desenho e pintura: atividades artísticas que permitem às crianças comunicar ideias, sentimentos e experiências por meio de imagens, fortalecendo a linguagem simbólica e a capacidade interpretativa (Ischkanian; Silva et al., 2023).

Jogo de perguntas e respostas: dinâmicas lúdicas que estimulam curiosidade, raciocínio lógico, pensamento crítico e habilidades de expressão oral, favorecendo o diálogo coletivo e a interação entre pares (Ischkanian; Carneiro et al., 2023).

Exploração sensorial com descrição: utilização de materiais táteis, sonoros ou olfativos, incentivando que as crianças descrevam percepções e experiências, ampliando vocabulário, consciência corporal e capacidade de observação (Ischkanian; Paiva et al., 2023).

Criação de histórias coletivas: construção de narrativas onde todas as crianças contribuem com elementos próprios, desenvolvendo habilidades de colaboração, organização de ideias, coesão textual e linguagem oral e escrita (Ischkanian; Oliveira et al., 2024).

Diário de emoções: registro ilustrado ou escrito de sentimentos e experiências, complementado por compartilhamento oral em rodas de conversa, fortalecendo autoconhecimento, expressão afetiva e capacidade narrativa (Ischkanian; Drumond et al., 2023).

Brincadeiras de adivinhação: jogos que incentivam formulação de perguntas, construção de hipóteses e expressão oral articulada, promovendo raciocínio lógico e comunicação lúdica (Ischkanian; Cabral et al., 2023).

Leitura compartilhada de livros ilustrados: interação com livros que combinam imagens e textos, incentivando interpretação, questionamento, criatividade narrativa e diálogo coletivo (Ischkanian; Souza et al., 2023).

Caixa de objetos misteriosos: atividade em que as crianças exploram e descrevem objetos ocultos, estimulando vocabulário, curiosidade, observação detalhada e comunicação oral (Ischkanian; Paiva et al., 2023).

Jogos de mímica: expressão de conceitos, sentimentos ou personagens sem o uso de palavras, favorecendo comunicação não verbal, percepção emocional e integração entre corpo e linguagem (Ischkanian; Drumond et al., 2023).

Cartas e bilhetes entre colegas: troca de mensagens escritas ou ilustradas, promovendo habilidades de comunicação escrita, interpretação de códigos simbólicos e relações de amizade e cooperação (Ischkanian; Carvalho et al., 2023).

Ritual de apresentação diária: cada criança tem a oportunidade de falar sobre si, compartilhar experiências ou conquistas, fortalecendo autoestima, confiança, organização de fala e habilidades comunicativas (Ischkanian; Oliveira et al., 2024).

Círculo de música e movimento: integração de canções, gestos e dança, estimulando expressão corporal, percepção rítmica, criatividade e habilidades linguísticas por meio da associação entre movimento e linguagem (Ischkanian; Paiva et al., 2023).

Projetos de pesquisa infantil: investigação guiada sobre temas de interesse das crianças, desenvolvendo questionamento, análise de informações, registro de descobertas e comunicação oral e escrita (Ischkanian; Cabral et al., 2023).

Oficina de criação de livros: produção de livros com textos e ilustrações próprias, incentivando narrativa escrita, expressão simbólica, organização de ideias e compartilhamento de histórias com os colegas (Ischkanian; Drumond et al., 2023).

Entrevistas entre colegas: atividades em que crianças entrevistam umas às outras sobre experiências, preferências ou histórias de vida, fortalecendo escuta ativa, habilidades de fala e capacidade de formular perguntas coerentes (Ischkanian; Souza et al., 2023).

A arquitetura do espaço educativo influencia diretamente a qualidade das interações, pois ambientes planejados para o movimento, o jogo e a exploração sensorial estimulam a iniciativa comunicativa infantil. Estudos apontam que o cuidado na distribuição de objetos, cores, texturas e sons pode potencializar a curiosidade e o engajamento da criança, promovendo diálogos espontâneos e intencionais (Ferreira et al., 2004). Brincadeiras estruturadas ou livres tornam-se, nesse contexto, instrumentos de mediação pedagógica que integram dimensões cognitivas, sociais e emocionais.

As histórias e narrativas orais representam outro elemento central para a construção de sentido e ampliação do repertório comunicativo, permitindo à criança experimentar vocabulário, estruturas linguísticas e estratégias argumentativas. Pesquisas sobre linguagem enfatizam que a contação de histórias desenvolve habilidades de escuta ativa, interpretação e expressão verbal, estimulando a participação coletiva e a imaginação criativa (Elkonin, 1974). O diálogo que emerge das histórias não apenas constrói conhecimento, mas reforça vínculos afetivos entre mediadores e crianças, fortalecendo a segurança emocional.

A música atua como veículo potente de comunicação, proporcionando ritmo, melodia e movimento que organizam experiências expressivas e favorecem a integração social. Estudos indicam que atividades musicais, como canções, percussão e danças coordenadas, promovem a internalização de padrões rítmicos e sequenciais que se refletem em avanços na fala e na linguagem oral (Elkonin, 1960). Ao participar de músicas coletivas, a criança aprende a modular voz, a sincronizar gestos e a perceber sinais sociais, construindo competências comunicativas de forma lúdica e intencional.

As práticas artísticas, como desenho, pintura e modelagem, consolidam formas não verbais de expressão que se complementam à linguagem falada, permitindo que crianças externalizem ideias, sentimentos e experiências pessoais. Pesquisas contemporâneas demonstram que o envolvimento em atividades artísticas desenvolve habilidades simbólicas, cognitivas e afetivas, ampliando a capacidade de interpretar e produzir significados compartilhados (Ischkanian & Silva, 2023). A exploração artística também serve de mediadora da inclusão, oferecendo múltiplas portas de entrada para crianças com diferentes necessidades comunicativas e cognitivas.

O jogo assume papel central na mediação da comunicação, funcionando como espaço privilegiado para experimentação de papéis, negociação de regras e construção de narrativas coletivas. Estudos em psicologia do desenvolvimento mostram que brincadeiras estruturadas e espontâneas estimulam competências linguísticas, sociais e metacognitivas, permitindo à criança ensaiar estratégias de comunicação e resolução de conflitos (Ferreira, 2004). A organização do ambiente para o brincar estratégico contribui para que as interações se tornem significativas, promovendo aprendizagem por descoberta e engajamento emocional.

A escuta atenta do educador e a observação das interações são componentes fundamentais para potencializar experiências comunicativas, pois permitem que as iniciativas infantis sejam reconhecidas e valorizadas. Pesquisas indicam que a resposta adequada do adulto às manifestações verbais e não verbais fortalece a confiança, incentiva a expressão espontânea e apoia o desenvolvimento da autonomia comunicativa (Ischkanian et al., 2023a). A pedagogia orientada pela escuta transforma o ambiente em um espaço de co-construção de conhecimento, em que adultos e crianças dialogam em torno de experiências compartilhadas.

A diversidade de materiais e recursos disponíveis amplia os canais de expressão, oferecendo alternativas que respeitam ritmos individuais e diferentes estilos de aprendizagem. Estudos em educação infantil evidenciam que a disponibilização de livros, brinquedos manipulativos, instrumentos musicais e recursos digitais possibilita múltiplas formas de expressão e favorece o engajamento ativo (Ischkanian et al., 2023b). A flexibilidade na organização do espaço permite que crianças explorem suas preferências, criem narrativas próprias e desenvolvam habilidades comunicativas de maneira personalizada.

A integração entre linguagem, arte, música e movimento constitui abordagem pedagógica estratégica que amplia a complexidade das interações e fortalece vínculos afetivos. Pesquisas apontam que ambientes educativos interativos e multimodais promovem a comunicação intencional, o pensamento simbólico e a participação ativa das crianças em experiências de aprendizagem significativas (Delgado & Müller, 2005). Cada atividade planejada, desde rodas de conversa até oficinas criativas, transforma-se em mediador para a construção de repertórios linguísticos, sociais e culturais que sustentam o desenvolvimento integral.

O planejamento de ambientes pedagógicos ricos em estímulos comunicativos exige sensibilidade, conhecimento das necessidades infantis e atenção às interações emergentes. Estudos mostram que a capacidade de observar e interpretar sinais verbais e não verbais permite ao educador propor atividades que ampliem repertórios, reforcem vínculos e promovam aprendizagens significativas (Corsaro, 2011). Espaços preparados com intencionalidade não apenas oferecem oportunidades de expressão, mas configuram territórios de experiências compartilhadas, nas quais a criança se reconhece como agente ativo na construção de conhecimento e na negociação de sentidos.

2.8. O PAPEL DO EDUCADOR

O papel do educador na educação infantil transcende o simples transmitir de conteúdos, assumindo a dimensão de mediador sensível das experiências comunicativas das crianças, uma função que requer atenção contínua às iniciativas espontâneas de expressão. Estudos em psicologia do desenvolvimento indicam que a observação cuidadosa das interações

infantis permite ao educador reconhecer sinais verbais e não verbais, ampliando o repertório de respostas pedagógicas e fortalecendo vínculos afetivos (Elkonin, 1974). Esse posicionamento observador proporciona à criança a sensação de ser escutada e valorizada, promovendo confiança para explorar novas formas de comunicação e expressão.

O reconhecimento das iniciativas comunicativas da criança implica compreender que cada gesto, som ou palavra é uma manifestação de pensamento e emoção em construção. Pesquisas sobre desenvolvimento psíquico infantil ressaltam que a valorização dessas manifestações favorece a internalização de normas sociais e linguísticas, ao mesmo tempo que estimula a autonomia e a criatividade (Elkonin, 1960). O educador, portanto, deve atuar como facilitador, proporcionando condições para que a criança organize, interprete e transforme suas experiências em comunicação significativa.

O planejamento pedagógico orientado para múltiplas linguagens requer intencionalidade na escolha de atividades, materiais e estratégias que ampliem as possibilidades expressivas das crianças. Estudos contemporâneos apontam que ambientes preparados com atenção às dimensões visual, sonora, corporal e simbólica estimulam o desenvolvimento cognitivo e social, promovendo aprendizagens contextualizadas e integradas (Ischkanian, 2025). Cada proposta pedagógica torna-se, nesse sentido, mediadora de experiências que articulam linguagem, afetividade e imaginação, favorecendo o protagonismo infantil.

A escuta ativa do educador é componente crucial para que a mediação pedagógica seja efetiva, uma vez que permite identificar necessidades, interesses e potencialidades individuais. Pesquisas demonstram que a resposta sensível aos sinais da criança fortalece vínculos e estimula a comunicação intencional, criando um ciclo de interações que valoriza a iniciativa infantil e consolida a confiança no ambiente educativo (Ischkanian et al., 2023). Essa escuta exige atenção à temporalidade própria de cada criança, respeitando seu ritmo de expressão e compreensão.

A prática reflexiva do educador sobre suas próprias intervenções contribui para a construção de estratégias mais eficazes e adequadas ao contexto das crianças. Estudos em educação indicam que a análise sistemática das interações pedagógicas permite ajustar abordagens, promover experiências inclusivas e reconhecer padrões emergentes de aprendizagem (Fávero & Centenaro, 2019). A reflexão sobre o impacto de cada intervenção garante que o planejamento pedagógico não seja apenas repetição de atividades, mas um processo dinâmico de mediação e construção conjunta de conhecimento.

A promoção de espaços e situações que estimulem a comunicação requer do educador sensibilidade para reconhecer oportunidades de interação em momentos aparentemente triviais. Pesquisas indicam que brincadeiras, cantos de leitura, música e arte funcionam como contextos naturais de aprendizagem, em que a criança experimenta e negocia significados com os pares e

adultos (Delgado & Müller, 2005). O papel do educador consiste em interpretar essas interações, propondo desafios e recursos que amplifiquem as experiências comunicativas sem interromper a espontaneidade do processo.

A observação sistemática das crianças revela padrões de expressão que podem orientar escolhas pedagógicas mais precisas e individualizadas. Estudos de sociologia da infância demonstram que a atenção às particularidades de cada criança permite criar ambientes inclusivos, em que diferenças cognitivas, culturais e afetivas são reconhecidas e valorizadas (Corsaro, 2011). O educador atento transforma-se em mediador de experiências que respeitam diversidades, potencializando o desenvolvimento integral e a participação ativa de todos os alunos.

A mediação de múltiplas linguagens envolve não apenas linguagem verbal, mas também gestual, corporal, artística e simbólica. Pesquisas indicam que ao integrar recursos variados, o educador amplia os canais de expressão e interpretação, favorecendo processos de aprendizagem mais complexos e significativos (Ischkanian, 2025). Essa abordagem reforça a comunicação como prática social e culturalmente situada, em que cada criança encontra maneiras de expressar ideias, emoções e relações de forma autêntica e criativa.

O acompanhamento contínuo do progresso comunicativo infantil permite ao educador identificar avanços e lacunas, ajustando atividades e oferecendo feedback construtivo. Estudos sobre psicogênese da linguagem apontam que intervenções calibradas às necessidades individuais fortalecem habilidades linguísticas, cognitivas e socioemocionais, consolidando a função mediadora do educador como catalisadora do desenvolvimento (Ischkanian et al., 2023). A presença pedagógica sensível e observadora cria um ambiente seguro, estimulante e promotor de aprendizagens significativas.

O educador, ao integrar observação, escuta ativa e planejamento intencional, atua como agente central na construção de experiências comunicativas ricas e inclusivas. Pesquisas enfatizam que a atuação mediadora e reflexiva possibilita que cada criança seja reconhecida em sua singularidade, desenvolvendo autonomia, criatividade e competências sociais (Elkonin, 1987). O papel docente, portanto, ultrapassa a transmissão de conteúdos, configurando-se como facilitador do diálogo, da expressão e do engajamento pleno das crianças em processos de aprendizagem complexos e integrados.

2.9. INTERAÇÃO SOCIAL E APRENDIZAGEM

A construção da linguagem deve ser compreendida como prática social inserida em contextos de interação, onde significados emergem das relações entre crianças e entre crianças e adultos. Azevedo et al. (2025) destacam que a linguagem não se limita à transmissão de informação, mas se articula em processos de negociação simbólica que estruturam o

pensamento e o comportamento social. A apropriação de códigos verbais e gestuais possibilita à criança a mediação de experiências, configurando a comunicação como ferramenta para a aprendizagem colaborativa.

No cotidiano escolar, as interações entre pares assumem papel central no desenvolvimento cognitivo e emocional. Corsaro (2011) argumenta que brincadeiras coletivas e jogos simbólicos funcionam como arenas de experimentação social, nas quais as crianças exploram regras, papéis e normas sociais. A troca de ideias e opiniões durante essas atividades favorece a internalização de conceitos, a capacidade de argumentação e a construção de significados compartilhados, fortalecendo vínculos afetivos e cognitivos simultaneamente.

A presença de adultos mediadores intensifica a potencialidade das interações, não apenas como transmissores de conhecimento, mas como co-participantes e observadores sensíveis. Barbosa (2006) ressalta que a rotina estruturada da educação infantil oferece oportunidades de intervenção estratégica, na qual o adulto pode estimular questionamentos, orientar diálogos e promover cooperação sem suprimir a iniciativa infantil. Esse equilíbrio entre autonomia e mediação é crucial para o desenvolvimento da linguagem como prática social.

A cooperação surge como eixo central das experiências comunicativas e de aprendizagem. Ischkanian et al. (2023) evidenciam que projetos coletivos, oficinas de criação e pesquisas guiadas permitem que as crianças negociem tarefas, planejem ações e resolvam conflitos, exercitando habilidades de empatia, escuta e tomada de decisão. Essas situações demonstram que o aprendizado não ocorre isoladamente, mas se constrói na tessitura de relações dinâmicas, permeadas por intenções, emoções e interpretações.

O diálogo assume dimensão epistemológica quando crianças aprendem a expressar e validar ideias em contextos grupais. Leontiev (2004) salienta que a linguagem estruturada pelo diálogo promove reflexão crítica, organização do pensamento e consciência sobre processos cognitivos próprios e alheios. Ao compartilhar hipóteses e comparar experiências, os pequenos constroem repertórios linguísticos e conceituais que sustentam aprendizagens complexas, evidenciando a dimensão social do conhecimento.

O desenvolvimento da fala e da escrita deve ser compreendido a partir das interações contextuais. Elkonin (1974) destaca que a aquisição de códigos linguísticos ocorre mediante atividades que envolvem comunicação, repetição e adaptação a interlocutores diversos. A participação em círculos de conversa, dramatizações e leituras compartilhadas permite que a criança reconheça padrões, estabeleça relações causais e aprofunde compreensão, articulando linguagem, pensamento e ação social.

As relações sociais influenciam diretamente a motivação e o engajamento nas práticas educativas. Ariès (1978) aponta que a infância é historicamente construída como espaço de

sociabilidade e aprendizagem, em que normas, afetos e valores se consolidam. A inserção em grupos de interesse comum favorece a expressão de individualidades em meio à coletividade, promovendo aprendizagens integradas que conectam saberes acadêmicos, sociais e emocionais.

A mediação tecnológica amplia as possibilidades de interação, oferecendo plataformas que incentivam diálogo, colaboração e registro de experiências. Ischkanian et al. (2023) mostram que ambientes virtuais e ferramentas digitais permitem às crianças explorar múltiplas formas de comunicação, desenvolver autonomia e estabelecer relações significativas mesmo em contextos de distância física. Essa dimensão reforça a importância de compreender a interação social como elemento estruturante da aprendizagem contemporânea.

O brincar constitui contexto privilegiado para construção de significados compartilhados e desenvolvimento da linguagem. Solovieva e Rojas (2016) argumentam que atividades lúdicas promovem experimentação de papéis, negociação de regras e expressão de emoções, sendo fundamental para a internalização de conceitos sociais e cognitivos. A interação durante o brincar propicia espaços de escuta, argumentação e síntese de experiências, articulando o imaginário, a linguagem e a ação coletiva.

A reflexão sobre práticas pedagógicas evidencia que a aprendizagem não se limita à transmissão de conteúdos, mas emerge da densidade das interações sociais. Azevedo et al. (2025) reforçam que compreender a criança como sujeito ativo, capaz de produzir significados em contextos de cooperação, possibilita a construção de ambientes educacionais inclusivos e desafiadores. O diálogo, a negociação de sentidos e a participação plena nas experiências coletivas constituem pilares imprescindíveis para o desenvolvimento integral da linguagem e do pensamento.

2.10. DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

A diversidade cultural e linguística representa uma dimensão fundamental da educação contemporânea, exigindo compreensão da multiplicidade de formas de expressão presentes nas famílias e comunidades. Ariès (1978) aponta que a infância sempre se inscreveu em contextos sociais variados, nos quais normas, tradições e linguagens se entrelaçam. Reconhecer essas diferenças implica aceitar que a aprendizagem não ocorre em um espaço homogêneo, mas sim em ambientes onde a comunicação se constrói por meio de interações dinâmicas e culturalmente situadas.

O respeito às diferentes linguagens utilizadas pelas crianças transcende a mera tolerância, configurando-se como elemento de inclusão e valorização das identidades. Silva et al. (2025) destacam que práticas pedagógicas que reconhecem variações linguísticas favorecem o sentimento de pertencimento social, permitindo que cada criança perceba sua voz como

significativa. Essa abordagem não apenas promove a autoestima, mas também constrói pontes entre saberes familiares e escolares, ampliando o potencial cognitivo e socioemocional.

As comunidades exercem papel central na formação das capacidades comunicativas das crianças, uma vez que os códigos culturais e linguísticos são transmitidos em contextos cotidianos. Belloni (2009) evidencia que a sociologia da infância mostra como as crianças internalizam regras e valores culturais por meio da interação com pares e adultos. O entendimento dessa diversidade permite que educadores mediem experiências de aprendizagem que respeitem ritmos, estilos de comunicação e formas de participação diferenciadas.

A inclusão linguística requer práticas pedagógicas sensíveis e flexíveis, capazes de integrar diferentes repertórios de comunicação em atividades coletivas. Barbosa (2006) enfatiza que a rotina na educação infantil pode ser planejada de modo a acolher múltiplos modos de expressão, desde gestos e entonações até narrativas orais e desenhos. Essa integração estimula a empatia, o diálogo e a colaboração, consolidando a linguagem como instrumento de construção coletiva de sentido.

A diversidade cultural influencia diretamente os processos de alfabetização e letramento. Belchior et al. (2025) apontam que métodos de ensino que consideram contextos culturais diversos contribuem para o desenvolvimento cognitivo pleno e para a formação de leitores críticos. O contato com diferentes formas de expressão amplia a capacidade de interpretação e reflexão, estabelecendo relações significativas entre códigos formais e experiências de vida das crianças.

A mediação pedagógica deve contemplar as expressões artísticas, musicais e corporais como linguagens legítimas de comunicação. Ischkanian (2025) destaca que o desenho, a dança e a dramatização funcionam como meios de expressão cultural, permitindo que crianças comuniquem vivências e identidades de maneiras alternativas à linguagem verbal. Essa valorização de múltiplos códigos promove inclusão e amplia a compreensão sobre os modos variados de se comunicar e interagir.

O diálogo intercultural constitui ferramenta essencial para a construção de sociedades democráticas e inclusivas. Creswell (2021) evidencia que a interação entre crianças de diferentes origens linguísticas fortalece a capacidade de negociação, escuta e respeito às diferenças. Nas práticas pedagógicas, o diálogo torna-se estratégico para mediar conflitos, valorizar perspectivas diversas e fomentar a construção de significados compartilhados.

A construção do pertencimento social está intrinsecamente ligada ao reconhecimento das identidades culturais. Silva et al. (2025) apontam que o reconhecimento da diversidade linguística favorece a integração social e a participação ativa, reduzindo desigualdades e preconceitos. A escola, nesse sentido, atua como espaço de mediação, onde experiências comunicativas valorizam histórias, memórias e formas de expressão singulares.

O brincar e as atividades lúdicas revelam-se contextos privilegiados para manifestação da diversidade cultural e linguística. Solovieva e Rojas (2016) mostram que o jogo simbólico, as dramatizações e as brincadeiras coletivas permitem que crianças explorem papéis, regras e narrativas diversas. Esses momentos promovem a aprendizagem colaborativa, o respeito mútuo e a apreciação de diferentes tradições, consolidando a comunicação como ponte entre culturas.

A reflexão sobre práticas pedagógicas evidencia que a diversidade não é obstáculo, mas recurso para potencializar a aprendizagem. Azevedo et al. (2025) reforçam que a inclusão de múltiplas expressões culturais e linguísticas amplia horizontes cognitivos, sociais e afetivos. Criar ambientes educativos que respeitem e celebrem essa diversidade constitui estratégia indispensável para formar sujeitos críticos, autônomos e socialmente engajados, capazes de reconhecer e valorizar a pluralidade que os cerca.

2.11. COMUNICAÇÃO, EMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

O desenvolvimento integral da criança depende de uma interação contínua entre processos emocionais e comunicativos, nos quais a linguagem funciona como mediadora da construção de sentidos e afetos. Vygotsky (2009) ressalta que o pensamento e a linguagem se estruturam a partir de relações sociais e culturais, sendo a expressão emocional fundamental para que os indivíduos estabeleçam vínculos e compreendam normas sociais. Nesse contexto, a afetividade não apenas guia comportamentos, mas molda experiências cognitivas, evidenciando que comunicação e emoção são dimensões indissociáveis na constituição da personalidade infantil.

A segurança afetiva constitui base imprescindível para o desenvolvimento da comunicação, influenciando a confiança da criança em se expressar. Winnicott (1982) argumenta que a capacidade de comunicar-se plenamente surge quando o indivíduo se sente acolhido, compreendido e emocionalmente protegido. Esse vínculo seguro permite explorar diferentes modos de interação, desde gestos e expressões faciais até narrativas complexas, ampliando as oportunidades de aprendizagem social e intelectual.

A expressão emocional atua como instrumento de mediação no processo de aprendizagem, promovendo o engajamento ativo da criança nas experiências educativas. Barbosa (2006) evidencia que rotinas estruturadas, mas flexíveis, podem favorecer o reconhecimento e a regulação de sentimentos, integrando práticas pedagógicas e necessidades afetivas. A linguagem, nesse sentido, torna-se veículo para externalizar emoções, validar sentimentos e construir significados compartilhados, ampliando o repertório comunicativo e relacional.

A comunicação influenciada pela emoção não se restringe à dimensão verbal, abrangendo gestos, entonações e expressões corporais que revelam estados internos. Azevedo

et al. (2025) destacam que crianças com diferentes perfis de desenvolvimento utilizam múltiplos códigos para interagir, sendo essencial que educadores interpretem essas manifestações de maneira sensível. Reconhecer essas expressões amplia a compreensão sobre processos cognitivos e socioemocionais, promovendo práticas inclusivas e personalizadas.

O desenvolvimento cognitivo se beneficia de interações comunicativas pautadas em afeto e escuta ativa, uma vez que sentimentos de segurança favorecem a exploração de novas ideias e conceitos. Vygotsky (2012) enfatiza que o aprendizado é potencializado quando ocorre em contextos de mediação social, nos quais a criança sente-se confiante para experimentar, errar e reconstruir conhecimentos. A comunicação torna-se, portanto, ferramenta de mediação entre experiências emocionais e aquisição de habilidades intelectuais.

A dimensão social do desenvolvimento infantil está profundamente interligada à capacidade de expressar e interpretar emoções dentro de grupos. Belloni (2009) aponta que interações com pares e adultos possibilitam a internalização de regras sociais, empatia e cooperação. A comunicação afetiva permite que a criança compreenda sinais sutis, negocie conflitos e construa redes de relações significativas, constituindo alicerce para participação cidadã e senso de pertencimento.

A linguagem emocional desempenha papel central na regulação comportamental, ao fornecer instrumentos para nomear, explicar e compartilhar estados internos. Elkonin (1974) argumenta que o desenvolvimento da fala está intimamente relacionado à capacidade de organizar pensamentos e emoções, sendo a mediação adulta essencial para transformar experiências afetivas em narrativas compreensíveis. Esse processo consolida habilidades metacognitivas e fortalece o equilíbrio emocional, impactando diretamente o desempenho escolar e social.

A comunicação estruturada pelo afeto permite a construção de identidade e autonomia, pois a criança aprende a reconhecer e a expressar suas necessidades de maneira assertiva. Luria (2001) evidencia que o desenvolvimento do pensamento depende da internalização de padrões linguísticos e emocionais provenientes das interações iniciais. Assim, a integração entre emoção e linguagem não apenas sustenta a aprendizagem, mas também promove a construção de um eu coeso e resiliente.

A abordagem pedagógica que valoriza emoção e comunicação amplia as possibilidades de inclusão e adaptação curricular, garantindo que cada criança encontre caminhos para se expressar e aprender. Silva et al. (2025) indicam que estratégias que contemplam inteligências múltiplas e linguagens diversas potencializam o desenvolvimento integral, promovendo equidade na participação e reconhecimento das diferenças individuais. Esse olhar inclusivo transforma o ambiente educativo em espaço de descobertas cognitivas e afetivas simultâneas.

A reflexão sobre comunicação e emoção evidencia que o desenvolvimento integral não é linear, mas interdependente, envolvendo aspectos cognitivos, sociais e afetivos que se articulam continuamente. Martins (2013) reforça que práticas pedagógicas fundamentadas na psicologia histórico-cultural favorecem a integração entre pensamento, linguagem e sentimentos. A construção de relações seguras, expressivas e significativas configura-se como estratégia essencial para formar sujeitos críticos, autônomos e emocionalmente competentes, capazes de dialogar e atuar no mundo de forma consciente.

2.12. DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

O cenário contemporâneo da educação infantil apresenta desafios complexos, particularmente quando se considera o uso crescente de tecnologias digitais entre crianças em fase inicial de desenvolvimento. Pesquisas indicam que a exposição precoce a dispositivos tecnológicos pode moldar padrões de atenção e interação social, influenciando diretamente a forma como a criança percebe e organiza o mundo ao seu redor (Ischkanian; Duque; Odilon et al., 2023). A literatura enfatiza que, embora a tecnologia possa oferecer estímulos significativos, sua incorporação deve ser mediada por práticas pedagógicas conscientes que preservem a centralidade do contato humano e da brincadeira como elementos essenciais da aprendizagem (Ischkanian; Ferreira; Coelho et al., 2023). A tensão entre inovação tecnológica e necessidades socioemocionais da criança exige reflexão crítica sobre os limites e potencialidades de cada recurso no cotidiano escolar.

O domínio da linguagem e da comunicação na primeira infância se encontra intimamente relacionado à forma como tecnologias interativas são integradas ao ambiente educativo. Vygotsky (2009) já destacava que a mediação social é fundamental para a internalização de saberes e construção do pensamento, sugerindo que interfaces digitais podem tornar-se instrumentos de mediação quando utilizadas com intencionalidade pedagógica. Evidencia-se, portanto, que ferramentas tecnológicas não substituem o diálogo e a escuta sensível, mas podem ser incorporadas para expandir possibilidades comunicativas, desde que acompanhadas de orientação docente qualificada (Ischkanian; Cabral; Odilon et al., 2023). O desafio reside em equilibrar estímulos virtuais com experiências concretas, garantindo que a tecnologia complemente e não fragilize a formação de vínculos e habilidades sociais.

A formação continuada de profissionais da educação infantil emerge como estratégia decisiva para enfrentar as demandas contemporâneas. Estudos demonstram que docentes preparados para lidar com múltiplas linguagens e diferentes formas de expressão têm maior capacidade de promover inclusão e desenvolver práticas pedagógicas eficazes (Silva; Ischkanian; Cabral et al., 2025). A constante atualização teórica e prática oferece subsídios para compreender a diversidade de perfis cognitivos e emocionais, permitindo que a educação seja

moldada por princípios de equidade e respeito às singularidades das crianças (Ischkanian; Carvalho; Drumond et al., 2023). Tal investimento se torna imprescindível diante de contextos marcados por mudanças rápidas e pela incorporação de novas tecnologias que transformam o modo de ensinar e aprender.

A implementação de práticas inclusivas exige atenção à diversidade de comunicação, considerando crianças que utilizam gestos, linguagem oral, escrita ou recursos assistivos para expressar-se. A literatura aponta que estratégias adaptadas às necessidades individuais contribuem não apenas para o aprendizado acadêmico, mas para a construção de identidade e autoestima, elementos centrais do desenvolvimento integral (Azevedo; Ischkanian; Cabral et al., 2025). O reconhecimento das diferenças como ponto de partida para o planejamento pedagógico implica uma postura reflexiva sobre as próprias práticas docentes, estimulando a criação de ambientes de aprendizagem que valorizem múltiplas formas de expressão e interação social.

O uso de tecnologias na primeira infância também suscita discussões sobre os impactos no desenvolvimento afetivo e social. Pesquisadores indicam que a interação mediada por telas pode reduzir oportunidades de comunicação espontânea, interferindo na construção de vínculos e na capacidade de resolver conflitos entre pares (Ischkanian; Duque; Odilon et al., 2023). Ao mesmo tempo, recursos digitais cuidadosamente selecionados podem ampliar repertórios de expressão e fortalecer a curiosidade intelectual, desde que integrados a contextos pedagógicos que priorizem o contato direto e a colaboração entre crianças (Ischkanian; Silva; Carneiro et al., 2023). Este equilíbrio exige sensibilidade e discernimento por parte do educador, que deve atuar como mediador e facilitador de experiências significativas.

A interação entre tecnologia e ludicidade representa uma dimensão crítica no desenvolvimento infantil. Estudos destacam que atividades gamificadas e recursos digitais podem estimular competências cognitivas e psicomotoras quando combinadas com brincadeiras estruturadas e direcionadas por adultos atentos (Velasco, 1996; Ischkanian; Paiva; Carneiro et al., 2023). A integração de jogos digitais com práticas lúdicas presenciais potencializa habilidades de planejamento, resolução de problemas e criatividade, revelando-se um campo fértil para inovação pedagógica. A reflexão sobre o papel da tecnologia no brincar evidencia a necessidade de equilibrar entretenimento, aprendizagem e desenvolvimento socioemocional.

A acessibilidade digital surge como componente estratégico de inclusão, permitindo que crianças com diferentes formas de comunicação participem plenamente das atividades coletivas. Pesquisas recentes apontam que ambientes educacionais adaptados com recursos tecnológicos inclusivos promovem engajamento, autonomia e protagonismo infantil, fortalecendo a confiança e a capacidade de expressão (Azevedo; Ischkanian; Cabral et al., 2025). A perspectiva inclusiva demanda não apenas a disponibilização de ferramentas, mas o

desenvolvimento de práticas pedagógicas sensíveis às necessidades individuais e ao ritmo de aprendizagem de cada criança.

O impacto da formação continuada na qualidade da mediação tecnológica é evidente quando se observa a evolução das práticas pedagógicas em contextos de inovação. Profissionais capacitados reconhecem padrões de interação, identificam sinais de sobrecarga cognitiva e ajustam intervenções de acordo com características individuais, promovendo experiências educativas mais ricas e diversificadas (Ischkanian; Cabral; Vidal et al., 2024). A formação permanente garante que a tecnologia não seja tratada como fim, mas como instrumento flexível, capaz de ampliar repertórios de comunicação e aprendizado, respeitando os limites e interesses de cada criança.

A integração de metodologias ativas com recursos digitais reflete mudanças significativas na dinâmica da sala de aula. Pesquisas sobre aprendizagem baseada em projetos e sala de aula invertida demonstram que o uso intencional da tecnologia facilita a construção de conhecimentos, estimula o pensamento crítico e fortalece a autonomia da criança (Cabral; Amorim; Santos et al., 2024; Cabral; Oliveira; Vidal et al., 2024). A inovação pedagógica exige avaliação constante, considerando não apenas resultados cognitivos, mas também a qualidade das interações e o desenvolvimento socioemocional, elementos fundamentais para a aprendizagem integral.

Os desafios contemporâneos apontam para a necessidade de políticas educacionais que articulem tecnologia, inclusão e formação docente. O debate sobre a educação infantil deve considerar o papel das tecnologias digitais como mediadoras de aprendizado, mas sempre em diálogo com princípios de equidade, diversidade e respeito à infância (Brasil, 2018; Lazaretti, 2020). A criação de ambientes de aprendizagem dinâmicos, seguros e inclusivos depende da articulação entre investimento em infraestrutura, capacitação docente e planejamento pedagógico inovador, visando garantir que cada criança encontre espaço para se expressar, aprender e se desenvolver plenamente.

A reflexão sobre tecnologia e inclusão na primeira infância revela tensões produtivas entre tradição pedagógica e inovação digital. Pesquisadores afirmam que compreender os efeitos do uso de recursos tecnológicos sobre a interação social e emocional exige análise crítica, observação sistemática e adaptação contínua das práticas educativas (Ischkanian; Ischkanian; Carneiro et al., 2023). A construção de ambientes educativos que promovam equidade e participação plena depende do compromisso de educadores, gestores e formuladores de políticas em integrar saberes, experiências e tecnologias de forma articulada, consolidando uma educação infantil capaz de respeitar diferenças e potencializar competências.

2.13. CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO INFANTIL HUMANIZADA

O reconhecimento da criança como protagonista da própria aprendizagem exige uma revisão profunda das práticas pedagógicas na educação infantil. Estudos indicam que ambientes educativos que consideram as vozes infantis como centrais promovem maior engajamento e construção ativa do conhecimento (Ischkanian; Duque; Odilon et al., 2023). A valorização das experiências, sentimentos e escolhas da criança não apenas fortalece sua autoestima, como também amplia o entendimento docente sobre os modos diversos de aprender, sugerindo que a infância deve ser compreendida como um período de intensa experimentação e autonomia cognitiva.

A concepção de espaços acolhedores na educação infantil transcende a simples organização física das salas de aula, implicando também na criação de relações de confiança e escuta sensível. Pesquisas demonstram que práticas dialógicas e interações afetivas consistentes promovem segurança emocional e fortalecem vínculos essenciais para o desenvolvimento integral (Ischkanian; Ferreira; Coelho et al., 2023). O ambiente educativo, portanto, deve ser planejado de modo a integrar dimensões emocionais, cognitivas e sociais, reconhecendo que o contexto relacional influencia diretamente a capacidade de exploração, expressão e aprendizagem das crianças.

O uso das linguagens múltiplas como instrumentos de aprendizagem evidencia-se como estratégia central para o desenvolvimento da autonomia infantil. Estudos recentes apontam que a exploração de linguagem oral, escrita, gestual e simbólica permite à criança expressar ideias complexas, negociar significados e organizar raciocínios de maneira independente (Azevedo; Ischkanian; Cabral et al., 2025). O domínio de diferentes formas de comunicação torna-se um meio de ampliação de repertórios cognitivos e de acesso a experiências educativas diversificadas, fortalecendo a capacidade crítica e reflexiva desde os primeiros anos.

A observação sensível das interações infantis revela que o brincar não é mero lazer, mas um processo fundamental de aprendizagem e desenvolvimento. Ischkanian; Duque; Odilon et al., 2023 destacam que jogos, brincadeiras e atividades simbólicas permitem à criança construir conceitos, testar hipóteses e experimentar papéis sociais, articulando emoção e cognição. O reconhecimento dessa dimensão lúdica exige que o educador assuma a posição de mediador atento, capaz de compreender os significados atribuídos às ações infantis e de promover experiências enriquecedoras que respeitem ritmos individuais.

O planejamento pedagógico centrado na criança demanda estratégias que integrem tecnologia e interações sociais de maneira equilibrada. Pesquisas apontam que recursos digitais podem potencializar processos de aprendizagem se usados com intencionalidade, servindo como suporte para exploração criativa e resolução de problemas (Ischkanian; Silva; Carneiro et

al., 2023). A tecnologia não substitui o diálogo nem a experimentação concreta, mas amplia as possibilidades de expressão e construção de conhecimento quando inserida em ambientes ricos em estímulos afetivos e cognitivos.

A formação docente emerge como elemento decisivo para consolidar práticas educativas humanizadas e inclusivas. Estudos indicam que educadores que recebem capacitação contínua em abordagens centradas na criança desenvolvem maior sensibilidade às diferenças individuais e às potencialidades de cada estudante (Silva; Ischkanian; Cabral et al., 2025). A atualização constante permite refletir sobre métodos, interpretar sinais de aprendizagem, ajustar intervenções e criar experiências que promovam tanto a autonomia quanto a participação plena de todos os alunos no processo educativo.

A inclusão de crianças com necessidades especiais exige compreensão detalhada das linguagens e modos de comunicação alternativos. Azevedo; Ischkanian; Cabral et al., 2025 demonstram que estratégias pedagógicas adaptadas às especificidades de cada criança fortalecem a expressão, a identidade e a autoestima, tornando o ambiente educativo um espaço de protagonismo real. O reconhecimento das diferenças não se limita à disponibilização de recursos, mas implica análise constante das respostas, interesses e competências individuais, reforçando a centralidade da criança na organização do ensino.

O papel da cultura e da experiência social no desenvolvimento infantil não pode ser subestimado. Vygotsky (2009) e Ischkanian; Duque; Odilon et al., 2023 enfatizam que a aprendizagem emerge da interação com outros e com o ambiente, tornando-se produto de mediações culturais e sociais. Considerar a criança como participante ativa dessas mediações implica construir práticas pedagógicas que conectem saberes, brincadeiras e experiências cotidianas, permitindo que o conhecimento seja apropriado e ressignificado continuamente.

A exploração de projetos e metodologias ativas contribui para consolidar a autonomia e o protagonismo infantil. Ischkanian; Paiva; Carneiro et al., 2023 indicam que abordagens que promovem investigação, descoberta e criação colaborativa estimulam o pensamento crítico, a resolução de problemas e a capacidade de planejamento. A articulação entre liberdade de expressão e orientação pedagógica permite que a criança se torne agente de sua própria aprendizagem, conectando interesses pessoais a desafios coletivos e favorecendo a internalização de conceitos complexos.

A humanização da educação infantil exige reflexão constante sobre o papel do educador e a valorização das múltiplas linguagens da criança. Ischkanian; Duque; Odilon et al., 2023 demonstram que práticas sensíveis às expressões afetivas, cognitivas e simbólicas fortalecem a autonomia, consolidam a aprendizagem significativa e promovem inclusão plena.

3. CONCLUSÃO

O desenvolvimento da comunicação na primeira infância evidencia-se como eixo estruturante da aprendizagem e da interação social. A escuta ativa, a fala e os gestos constituem não apenas instrumentos de expressão, mas também canais para a construção de sentidos compartilhados. Reconhecer essas formas de comunicação como essenciais permite ao educador compreender a criança em sua integralidade, considerando suas intenções, percepções e modos singulares de se relacionar com o mundo.

A escuta sensível se mostra um elemento transformador do ambiente educativo, ao possibilitar respostas pedagógicas ajustadas às necessidades e interesses da criança. Práticas de escuta ativa favorecem a expressão autônoma, promovem empatia e fortalecem vínculos afetivos entre educador e aprendiz. O desenvolvimento dessa competência docente cria condições para que a criança se sinta valorizada, estimulada a explorar novas ideias e encorajada a experimentar diferentes formas de linguagem.

A fala, enquanto instrumento de comunicação, não se restringe à transmissão de informações, mas envolve a articulação de pensamento, memória e criatividade. Interações verbais ricas em contexto e significado promovem habilidades cognitivas e socioemocionais, ampliando o repertório linguístico da criança. Essa dimensão evidencia que a linguagem oral é um poderoso mediador de aprendizagem, capaz de sustentar a construção de conceitos, a resolução de conflitos e o desenvolvimento de autonomia crítica.

Os gestos, expressões corporais e outros sinais não verbais são igualmente centrais no processo comunicativo infantil. Crianças utilizam o corpo, movimentos e expressões faciais como recursos estratégicos para complementar a fala, representar ideias complexas e negociar relações sociais. A valorização desses modos de expressão amplia a compreensão sobre as múltiplas inteligências, mostrando que cada criança possui caminhos singulares para organizar experiências e se fazer compreender.

A integração entre diferentes linguagens — oral, escrita, gestual e simbólica — fortalece o desenvolvimento integral da criança. Experiências que articulam essas dimensões favorecem o pensamento crítico, a criatividade e a capacidade de expressão autônoma. Ao reconhecer e estimular múltiplos canais comunicativos, o educador promove não apenas a alfabetização convencional, mas também formas mais amplas de conhecimento e interação social, evidenciando o potencial expressivo do indivíduo desde os primeiros anos.

O ambiente educativo exerce papel decisivo na promoção de experiências comunicativas significativas. Espaços organizados para o diálogo, a escuta e a expressão livre estimulam a curiosidade, fortalecem a confiança e consolidam a aprendizagem colaborativa. Quando o espaço físico, os materiais e as interações são planejados de modo a valorizar todas

as formas de linguagem, a criança encontra condições para explorar, testar hipóteses e construir conhecimento de forma autônoma e prazerosa.

A mediação docente constitui-se como fator de potencialização das competências comunicativas e expressivas. A postura de acompanhamento atento, direcionamento flexível e estímulo à criatividade garante que a criança se aproprie de suas linguagens de maneira significativa. O educador não atua como transmissor de conteúdo, mas como facilitador do processo, oferecendo oportunidades para que a criança seja protagonista de sua própria aprendizagem e expressão.

A diversidade de linguagens permite, ainda, a inclusão e o reconhecimento das singularidades individuais. Crianças com diferentes ritmos, habilidades e estilos comunicativos se beneficiam de abordagens que consideram gestos, desenhos, brincadeiras simbólicas e tecnologias assistivas como formas legítimas de expressão. Valorizar essas manifestações garante participação plena, reforça autoestima e promove experiências educativas equitativas, apontando caminhos para uma educação infantil realmente humanizada e inclusiva.

A compreensão da comunicação na primeira infância como fenômeno múltiplo e interdependente evidencia a riqueza das interações humanas desde os primeiros anos de vida. Escuta, fala, gestos e outras formas de expressão se complementam, formando um tecido de significados que sustenta o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Investir na observação sensível, na mediação educativa e na valorização das linguagens infantis gera efeitos positivos duradouros, consolidando experiências de aprendizagem significativas e fortalecendo o protagonismo das crianças no universo da educação. Ao perceber a criança como agente ativo, capaz de organizar experiências e interpretar o mundo por meio de múltiplos códigos comunicativos, o educador amplia não apenas as competências linguísticas, mas também a capacidade de pensamento crítico e de resolução de problemas. Esse olhar integrado transforma a percepção sobre o processo de aprendizagem, revelando que cada interação, por menor que pareça, contribui para a construção de repertórios cognitivos, sociais e afetivos complexos e interconectados.

Reconhecer a interdependência entre diferentes modos de expressão permite superar concepções rígidas e segmentadas de ensino, criando um espaço educativo onde a linguagem se manifesta em sua diversidade e plasticidade. A valorização simultânea da fala, da escuta, da gestualidade, do desenho e das representações simbólicas oferece oportunidades para que a criança se comunique de forma autêntica, expressando emoções, opiniões e descobertas próprias. Essa abordagem fortalece vínculos, promove empatia e constrói uma cultura de respeito à individualidade, evidenciando que a educação infantil não é apenas um estágio de preparação acadêmica, mas uma experiência complexa de socialização, autoconhecimento e desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da infância e da família.** Rio de Janeiro: LTC, 1978.

AZEVEDO, Celine Maria de Sousa; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Silvana Nascimento de; CARVALHO, Gabriel Nascimento de; RIBEIRO, Natalina Farias. **Comunicação, Linguagem, Fala, Escrita e Gestos: distinções conceituais e sua importância para a inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e demais contextos da inclusão**. [S.l.]: Clube de Autores, 2025. 108 p. Disponível em: https://www.academia.edu/144835729/COMUNICACAO_LINGUAGEM_FALA_ESCRITA_E_GESTOS. Acesso em: 13 fev. 2026.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: Rotinas na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

BATISTA, L. S; KUMADA, K. M. O. **Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica.** Revista Brasileira de Iniciação Científica (RBIC), IFSP Itapetininga, v. 8, e021029, p. 1-17, 2021.

BELCHIOR, Idênis Glória; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; VENDITTE, Neusa; CARVALHO, Silvana Nascimento de; SILVA, Eliana Drumond de Carvalho; VIEIRA, Nívea Maria Costa; RODRIGUES, Rosimery Mendes; BRAGA, Regina Daucia de Oliveira; VIEIRA, Fabiane Bandeira; CARVALHO, Gabriel Nascimento de. **Entre o código e o sentido: os impactos dos métodos de alfabetização no desenvolvimento cognitivo e no desempenho educacional**. Clube de Autores, 2025. 81 p. Disponível em: https://www.academia.edu/144568078/ENTRE_O_C%C3%93DIGO_E_O_SENTIDO_OS_IMPACTOS_DOS_M%C3%89TODOS_DE_ALFABETIZA%C3%87%C3%83O_NO_DESENVOLVIMENTO_COGNITIVO_E_NO_DESEMPENHO_EDUCACIONAL. Acesso em: 14 fev. 2026.

BELLONI, M. L. **O que é Sociologia da Infância.** 1° Ed. Campinas- SP: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Estatuto da criança e do adolescente:** lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata [recurso eletrônico]. – 9. ed.– Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 207 p. – (Série legislação; n. 83)

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CABRAL, Gladys Nogueira; AMORIM, Jefferson Santos de; SANTOS, Viviane Corrêa; DAMASCENO, Mônica Verônica da Silva; CABRAL, Shanda Lindsay Espinoza; VASCONCELOS, Marizete da Costa de; CARVALHO, Edmara Campos de; VIDAL, Julio Cesar Espinoza. **A aprendizagem baseada em projetos: a potência da metodologia transformando a educação.** In: CABRAL, Gladys Nogueira (org.). *Tecnologias emergentes e metodologias ativas em foco: construindo vias alternativas para o conhecimento.* Itapiranga: Schreiben, 2024. p. 73–80.

CABRAL, Gladys Nogueira; OLIVEIRA, Francisco Allan Araújo de; VIDAL, Julio César Espinoza; CABRAL, Shanda Lindsay Espinoza; OLIVEIRA, Eveline Mendes; LIMA, Ana Maria Bárbara; RAIMUNDO, Joselita Silva Brito; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **A sala de aula invertida: a revolução da tendência no contexto educacional.** In: CABRAL, Gladys Nogueira (org.). *Tecnologias emergentes e metodologias ativas em foco: construindo vias alternativas para o conhecimento.* Itapiranga: Schreiben, 2024. p. 90–99.

CABRAL, Gladys Nogueira; SOUZA, Alcione Santos de; VIDAL, Julio César Espinoza; CABRAL, Shanda Lindsay Espinoza; COELHO, Tatiana; SOUZA, Julio Cesar de; LIMA, Ana Maria Bárbara; RAIMUNDO, Joselita Silva Brito. **A aprendizagem por descoberta: promovendo o desenvolvimento cognitivo dos estudantes.** In: CABRAL, Gladys Nogueira (org.). *Tecnologias emergentes e metodologias ativas em foco: construindo vias alternativas para o conhecimento.* Itapiranga: Schreiben, 2024. p. 81–89.

CAMPOS, R. K. N. "**Minha tia mandou pintar mais": a participação de crianças pequenas na educação infantil e suas influências na prática pedagógica.** 2020. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Sergipe. – São Cristóvão-SE, 2020.

COELHO, A. B.; BARN I, M.; FEDERIGE, J. A. B. **A escuta sensível no processo de ensino aprendizagem de crianças na Educação Infantil.** Licenciaturas & Pesquisa. UNIANDRADE. Araucária- PR, 23 de Fev. de 2021.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância.** 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DELGADO, A.C. C.; MÜLLER, F**. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo, v.35, n° 125, p.161-179, maio/ago. 2005

ELKONIN, D. B. **Desarrollo psíquico del niño desde el nacimiento hasta el ingreso en la escuela.** In. SMIRNOV, A. A.; LEONTIVE, A. N.; RUBINSTEIN, S. L.; TIEPLOV, B. M. Psicología. México: Grijalbo, 1960.

ELKONIN, D. B. **Development of speech.** In: ZAPOROZHETS, A. V.; ELKONIN, D. B. (ed.). The psychology of preschool children. Cambridge: The MIT Press. 1974.

ELKONIN, D. B. **Sobre el problema de la periodizacion del desarrollo psíquico em la infância.** In: SHUARE. M. (org.). La Psicologia evolutiva y pedagogica en la URSS. Moscú: Editorial Progreso, 1987.

FÁVERO, A. A.; CENTENARO, J. B. **A pesquisa documental nas investigações de políticas educacionais: potencialidades e limites.** Contrapontos, v. 19, n. 1, p. 170-184, 2019.

FERREIRA, M. **Do "avesso" do brincar ou...as Relações entre pares, as Rotinas da cultura infantil e a Construção da(s) Ordem(ens) Social(is) Instituinte(s) das Crianças no Jardim-de-infância.** In: SARMENTO, M. J. & CERISARA, A. B. (orgs). Crianças e Miúdos. Perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M**. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação.** Logeion: Filosofia da informação, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **Linguagem oral e escrita: objetivos**. Blog Simone Helen Drumond, fev. 2010. Disponível em: http://simonehelendrumond.blogspot.com/2010/02/. Acesso em: 14 fev. 2026.
ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **O lúdico: jogos, brinquedos e brincadeiras na construção do processo de aprendizagem das crianças com transtorno do espectro**. In: TERÇARIOL, Adriana Aparecida de Lima; VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões; LASAKOSWITSCK, Ronaldo (org.). *Infâncias, tecnologias e aprendizagem criativa: reflexões, experiências e propostas didáticas*. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 2025. p. xx-xx. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/en/livro/infancias-tecnologias/. Acesso em: 13 fev. 2026.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ODILON, Jayme Salz; TAVARES, Mirtes de Melo; CARNEIRO, Rafael Jacson da Silva; VIDAL, Nairo Barroso; MENDES JÚNIOR, Antonio José Costa; OLIVEIRA, Vinícius Cruz de; NOJOSA, Natalina Vieira. **Tendências da educação à distância: concepções de aprendizagens em Piaget, Vygotsky e Wallon nas instituições de ensino superior no Brasil e a formação dos profissionais da educação**. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Ailton Batista de; ROCHA, Bruna Beatriz da; IVANICSKA, Rebeca Freitas; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *A práxis pedagógica na contemporaneidade: tecnologias, inclusão e avanços na educação dialética para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem*. Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 169–178.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CARVALHO, Gabriel Nascimento de; CARNEIRO, Rafael Jacson da Silva; MENDES JÚNIOR, Antonio José Costa; ANDREATTA, Luciana Chagas Bruno; SEABRA, Marlom; ALMEIDA, Eric; MOTA, Silvia. **Ser diferente é normal: o artigo 5º da Constituição Federal garante o direito de ser diferente**. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Ailton Batista de; ROCHA, Bruna Beatriz da; IVANICSKA, Rebeca Freitas; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *A práxis pedagógica na contemporaneidade: tecnologias, inclusão e avanços na educação dialética para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem*. Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 215–224.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CARVALHO, Silvana Nascimento de; DRUMOND, Eliana; CARNEIRO, Rafael Jacson da Silva; FARIAS, Josemilson do Nascimento; SILVA, Érica Gonçalves Colins da; BARROS, Francisco Ednaldo Sampaio. **A psicogênese da linguagem escrita: perspectivas nas tecnologias, inclusão, autismo e educação na visão de Emília Ferreiro e Ana Teberosky**. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Ailton Batista de; ROCHA, Bruna Beatriz da; IVANICSKA, Rebeca Freitas; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *A práxis pedagógica na contemporaneidade: tecnologias, inclusão e avanços na educação dialética para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem*. Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 87–158.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; DUQUE, Rita de Cássia Soares; ODILON, Jayme Salz; CARNEIRO, Rafael Jacson da Silva; MENDES JÚNIOR, Antonio José Costa; LIMA, Terezinha Almeida de; ROSA, Rubiane Moreira; BARROS, Francisco Ednaldo Sampaio; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **EPT, TEC NEP, tecnologias, inclusão e educação: concepções de aprendizagens em Piaget, Vygotsky e Wallon e algumas reflexões sobre o ensino mediado por computadores**. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Ailton Batista de; ROCHA, Bruna Beatriz da; IVANICSKA, Rebeca Freitas; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *A práxis pedagógica na contemporaneidade: tecnologias, inclusão e avanços na educação dialética para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem*. Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 159–168.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; FERREIRA, Juliana Balta; COELHO, Tatiana; CARNEIRO, Rafael Jacson da Silva; MENDES JÚNIOR, Antonio José Costa; NOJOSA, Natalina Vieira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication-Handicapped Children), ABA (Applied Behavior Analysis) e DIR/Floortime (Developmental, Individual Difference, Relationship-Based Model)**. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Ailton Batista de; ROCHA, Bruna Beatriz da; IVANICSKA, Rebeca Freitas; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *A práxis pedagógica na contemporaneidade: tecnologias, inclusão e avanços na educação dialética para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem*. Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 236–258.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Silvana Nascimento de; SILVA, Diogo Rafael da; CARNEIRO, Rafael Jacson da Silva; SILVA, Érica Gonçalves Colins da; SOUZA, Alcione Santos de. **Arte, tecnologias e o desenho infantil: como compreender e interpretar as múltiplas linguagens que o desenho expressa e como a criança no contexto da inclusão se comunica por imagens**. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Ailton Batista de; ROCHA, Bruna Beatriz da; IVANICSKA, Rebeca Freitas; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *A práxis pedagógica na contemporaneidade: tecnologias, inclusão e avanços na educação dialética para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem*. Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 65–86.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARNEIRO, Rafael Jacson da Silva; MENDES JÚNIOR, Antonio José Costa; SOUSA, Ana Alice Morais de; PIMENTA, Sebastião Júnior Lavanhole. **A práxis pedagógica na contemporaneidade: tecnologias, inclusão e avanços na educação dialética para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem**. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Ailton Batista de; ROCHA, Bruna Beatriz da; IVANICSKA, Rebeca Freitas; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *A práxis pedagógica na contemporaneidade: tecnologias, inclusão e avanços na educação dialética para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem*. Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 179–203.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; LIMA, Adriana Alves de; CARNEIRO, Rafael Jacson da Silva; VIDAL, Nairo Barroso; MENDES JÚNIOR, Antonio José Costa; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **A práxis pedagógica na contemporaneidade e o bullying: propostas de intervenções baseadas na abordagem cognitiva comportamental e tecnologias inovadoras**. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Ailton Batista de; ROCHA, Bruna Beatriz da; IVANICSKA, Rebeca Freitas; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *A práxis pedagógica na contemporaneidade: tecnologias, inclusão e avanços na educação dialética para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem*. Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 204–214.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; PAIVA, Antônio Hitallo Regis Gonçalves Lima; CARNEIRO, Rafael Jacson da Silva; OLIVEIRA, Valéria Mendes de; SOUSA, Ana Alice Morais de; SOUZA, Alcione Santos de; PIMENTA, Sebastião Júnior Lavanhole; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Psicomotricidade: o lúdico, jogos, brinquedos, gamificação e brincadeiras**. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Ailton Batista de; ROCHA, Bruna Beatriz da; IVANICSKA, Rebeca Freitas; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *A práxis pedagógica na contemporaneidade: tecnologias, inclusão e avanços na educação dialética para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem*. Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 54–64.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; SILVA, Diogo Rafael da; CARNEIRO, Rafael Jacson da Silva; DRUMOND, Eliana; CARVALHO, Gabriel Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Educação sexual e sexualidade: definições e abordagens fundamentais ao redor do assunto**. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Ailton Batista de; ROCHA, Bruna Beatriz da; IVANICSKA, Rebeca Freitas; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *A práxis pedagógica na contemporaneidade: tecnologias, inclusão e avanços na educação dialética para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem*. Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 225–235.

LAZARETTI, L. M. **"Cadê o Conteúdo que estava aqui?" Interlocuções entre a Base Nacional Comum Curricular e educação infantil.** In: MALANCHEN, J.; MATOS, N. S. D.; ORSO, P. J. A Pedagogia Histórico-Crítica, as Políticas Educacionais e a Base Nacional Comum Curricular. Campinas: Autores Associados, 2020.

LAZARETTI, L. M. **Idade pré-escolar (3-6 anos) e a educação infantil: a brincadeira de papéis periodização e o ensino sistematizado.** In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (org.). Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice. Campinas: Autores Associados, 2016.

LEONTIEV, A. **Desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral:** linguagem e pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. v. 4.

LURIA, A. R. **Fundamentos de psicologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem:** as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar:** contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2013.

MARTINS, L. M. **O ensino e o desenvolvimento da criança de zero a três anos.** In: ARCE, A.; MARTINS, L. M. (org.). Ensinando aos pequenos de zero a três anos. Campinas: Alínea, 2012.

MORALES, W. G. B**. Análisis de Prisma como Metodología para Revisión Sistemática: una Aproximación General.** Saúde em Redes, v. 8, n. sup1, p. 339-360, 2022.

NARCISO, R.; SANTANA, A. C. A. **Metodologias científicas na educação: uma revisão crítica e proposta de novos caminhos.** ARACÊ, v. 6, n. 4, p. 19459-19475, 2025.

PAGE, M. J et al. **The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews.** BMJ, v. 1, n. 1, p. 1-1, 29 mar. 2021.

SILVA, Francisca Araújo da; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; CARVALHO, Silvana Nascimento de; CARVALHO, Sygride Nascimento de; CARVALHO, Gabriel Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Inteligências múltiplas e BNCC na educação infantil: promovendo a diversidade no desenvolvimento da criança.** Clube de Autores. 2025. Disponível em: https://www.calameo.com/books/00727811117b3ed757aee. Acesso em: 13 fev. 2026.

SILVA, L. R. C. et al. **Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente.** In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Anais. Paraná, 2009. p. 4554-4566.

SOLOVIEVA Y.; ROJAS, L. Q. **La actividad de juego en la edad preeescolar**. México: Trillas, 2016.

SOLOVIEVA, Y.; ROJAS, L. Q. **Ensenãnza de la lectura:** método práctico para la formación lectora. México: Trillas, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. *et al*. **Gêneros orais – Conceituação e caracterização.** In: XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística. 2013, Uberlândia. Anais [...].EDUFU, 2013.

VELASCO, Cacilda Gonçalves. **Brincar o despertar psicomotor.** Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

VIEIRA, Nívea Maria Costa; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; VIANA, Fabiane Bandeira; LIMA, Adriana de. **Tecnologias criadas para todos: Cultura Maker, inovação educacional e inclusão no cenário educacional.** Clube de Autores, 2026. Disponível em: https://archive.org/details/cultura-maker-e-a-tecnologias-criadas-para-todos. Acesso em: 13 fev. 2026.

VIEIRA, Nívea Maria Costa; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Processos de reflexão metalinguística na alfabetização inicial.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/930878228/Processos-de-Reflexao-Metalinguistica-Na-Alfabetizacao-Inicial-Nivea-Maria-Costa-Vieira-2025. Acesso em: 13 fev. 2026.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **Araweté, O povo de ipixuna.** São Paulo: CEDI, 1992.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar.** In: VYGOTSKY, L. S.; LEONTIEV, A. N.; LURIA, A. R. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 2001. t. 2.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 2006. t. 4.

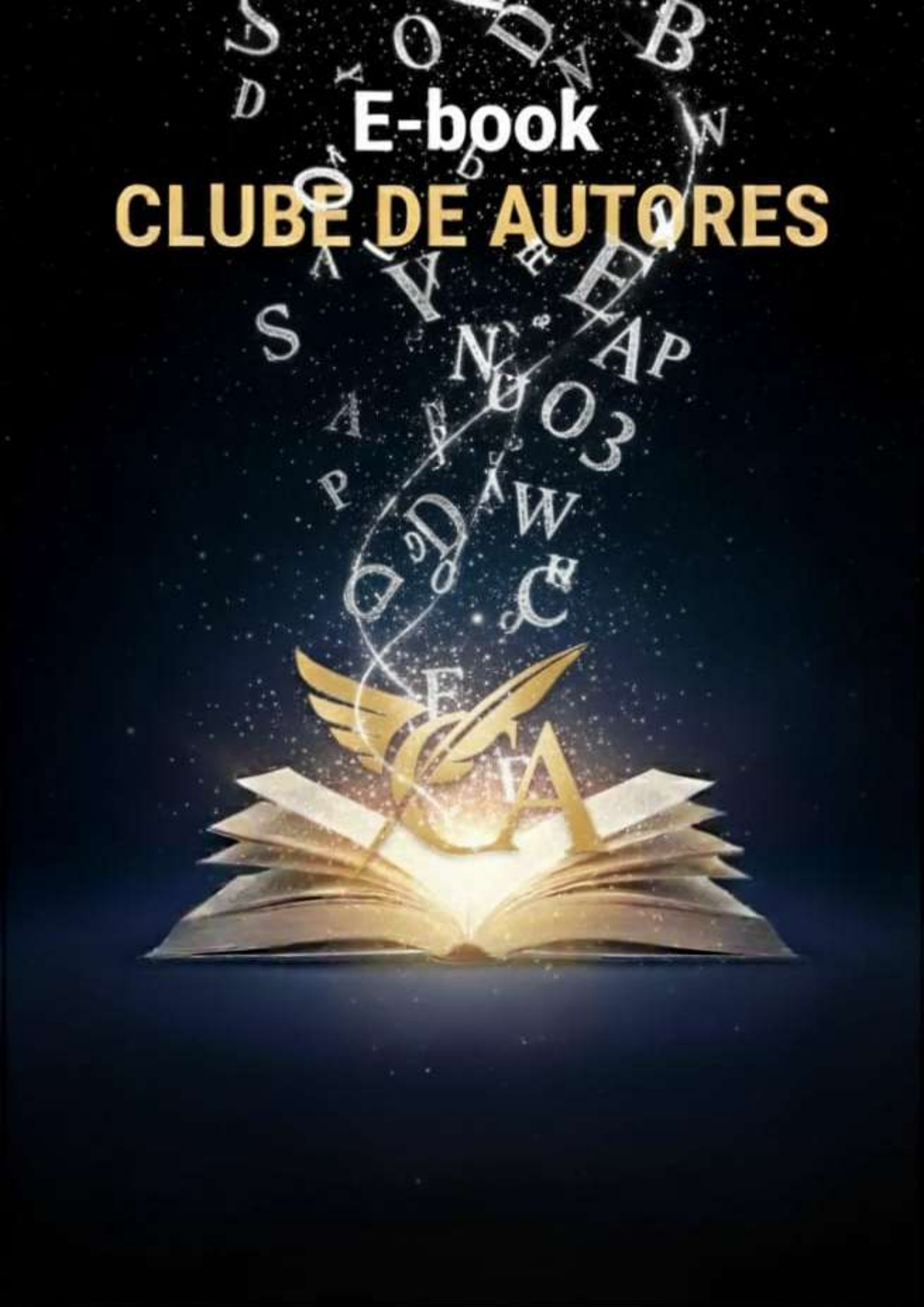
WINNICOTT, Donald Woods**. A criança e seu mundo.** 6. ed. Rio de janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1982.

4 978-65-80000-01-0

UniEAD

Conectando você ao amanhã.

978-65-80000-01-7


E-book
CLUBE DE AUTORES